



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CENTRO DE GESTÃO ORGANIZACIONAL
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A UTILIZAÇÃO DE CULTURA POPULAR NOS ESTUDOS DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DAS TEORIAS POR
MEIO DO LIVRO “*AMERICAN GODS*”, DE NEIL GAIMAN**

Amanda Jandrey Siebeneichler

Lajeado, junho de 2018

Amanda Jandrey Siebeneichler

**A UTILIZAÇÃO DE CULTURA POPULAR NOS ESTUDOS DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DAS TEORIAS POR
MEIO DO LIVRO “*AMERICAN GODS*”, DE NEIL GAIMAN**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Relações Internacionais, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Borne Ferreira

Lajeado, junho de 2018

RESUMO

A aplicação de cultura popular como uma ferramenta de ensino e aprendizagem permite a aproximação entre teoria e realidade, incentivando o aluno a tornar-se um interprete ativo e um melhor analista de seu próprio mundo. Compreender as Relações Internacionais por meio da ficção literária é uma forma de criar um paralelo com a realidade que permite que os alunos possam fazer suas próprias interpretações e aplicá-las aos eventos observados no mundo. Pensando nestas possibilidades, este trabalho procura analisar as Relações Internacionais à luz dos eventos do livro *American Gods*, de Neil Gaiman, relacionando as principais teorias das Relações Internacionais – Realismo, Liberalismo, Teorias de Gênero, Construtivismo e Pós-Colonialismo – com os fatos apresentados ao longo da obra. Fazendo uso de cultura popular, a monografia averiguou se o uso de mundos fantasiosos e personagens fictícios poderia ser uma forma de ensino diante das temáticas propostas pelas teorias das Relações Internacionais e se, de fato, essa aprendizagem poderia ser aplicada aos eventos que permeiam o cenário internacional. Defende-se que o exercício possibilita uma compreensão mais profunda das próprias teorias e do sistema internacional contemporâneo, uma vez que promove o entendimento dos temas e conceitos fundamentais da disciplina pelo rompimento de práticas docentes cotidianas e pelo oferecimento de novas formas de enxergar o mundo.

Palavras-chave: Teoria de Relações Internacionais, Cultura Popular, *American Gods*.

ABSTRACT

The use of popular culture as a teaching and learning tool allows the approximation between theory and reality, encouraging the student to become an active interpreter and a better analyst of his own world. Understanding International Relations through literary fiction is a way of creating a parallel with reality that allows students to make their own interpretations and apply them to the events observed in the world. Thinking about these possibilities, this article seeks to analyze International Relations in light of the events of the American gods of Neil Gaiman, relating the main theories of International Relations - Realism, Liberalism, Gender Theories, Constructivism and Postcolonialism - with the facts presented through the paper. Using popular culture, the monograph investigated whether the use of fantasy worlds and fictional characters could be a form of teaching in the face of the themes proposed by International Relations theories and whether, in fact, this learning could be applied to the events that permeate the scene International. It is argued that the exercise allows for a deeper understanding of the theories and the contemporary international system, since it promotes the understanding of the fundamental themes and concepts of the discipline through the breakdown of everyday teaching practices and the offer of new ways of seeing the world.

Keywords: International Relations Theories; Popular Culture; *American Gods*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	Realismo	11
2.2	Liberalismo.....	13
2.3	O Terceiro Debate: Construtivismo, Gênero e Pós-Colonialismo	15
2.4	Cultura Popular e Relações Internacionais.....	18
2.5	Conclusões Parciais	21
3	<i>AMERICAN GODS</i> E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	22
3.1	Realismo: a Guerra entre Deuses	24
3.2	Liberalismo: a Mão Invisível das Divindades.....	29
3.3	O Terceiro Grande Debate.....	31
3.3.1	<i>Construtivismo: A Construção Social em American Gods</i>	32
3.3.2	<i>Teorias de Gênero: O Papel da Mulher</i>	34
3.3.3	<i>Pós-Colonialismo: O Legado dos Novos Deuses</i>	38
4	O SISTEMA INTERNACIONAL DENTRO DE <i>AMERICAN GODS</i>	42
4.1	Mr. World e a Globalização da Vigilância.....	43
4.2	A Sociedade em Rede	45
4.3	Conclusões Parciais	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial e o período conturbado da Guerra Fria, as transformações ocorridas em todo mundo ganharam cada vez mais espaço, tomando proporções consideráveis com relação ao desenvolvimento do sentimento de cooperação entre os Estados. A globalização da década de 1990, as novas políticas mundiais, os novos atores, economias e contextos, bem como as discussões sobre novas políticas externas, deslocaram a discussão sobre relações internacionais da esfera militar para a esfera político-econômica. Neste contexto, as Relações Internacionais, nascidas no início do século XX, encaixam-se ao procurarem compreender o sistema internacional através da interdisciplinaridade dos fenômenos que afetam os Estados, considerados, inicialmente, componentes únicos deste sistema.

Com o aprofundamento das relações entre os países e o surgimento paulatino de novos atores, os Estados perderam o posto de agentes principais para se tornarem componentes deste sistema, juntamente com as organizações internacionais e indivíduos. Este aprofundamento trouxe, também, novas formas de compreender o mundo e de olhar para seus elementos, servindo de foco para as principais interpretações que integram as Teorias das Relações Internacionais.

As teorias objetivam analisar a realidade, interna e externa, como maneira de buscar uma explicação sobre a forma como os Estados agem, agrupam-se e sobrevivem. Servem de base para interpretações filosóficas, históricas, econômicas

e sociológicas na compreensão do mundo, a fim de auxiliar na observação e interpretação de fenômenos e relações. Estas interpretações, em geral, como propôs Cynthia Weber (2001), não são utilizadas para provar verdades ou mentiras, mas para determinar a certeza de uma teoria aplicada a uma determinada situação. Essa certeza é obtida a partir da forma como é interpretada uma circunstância, moldando-se de acordo com o olhar que se está aplicando ao momento.

É a partir destas análises que surgem as dúvidas quanto à compreensão, conteúdo ou aplicabilidade de teorias e conceitos. A dificuldade está relacionada com a falta de aprofundamento crítico e de interpretações, como Weber (2001) pôde identificar. A sala de aula se torna palco de discussões escassas e monólogos de docentes, porque os alunos não conseguem relacionar a teoria à realidade. Usando-se destas dificuldades de compreensão, Weber (2001) trouxe para os estudos de Relações Internacionais, um conteúdo que se aproxima mais dos alunos ao passo que desenvolve a sua análise crítica sobre o mundo: a cultura popular. Este método se propõe a viabilizar o pensamento crítico através de elementos com os quais os alunos tenham maior familiaridade, como também explicaram Nexon e Neumann (2006), Grayson, Davies e Philpott (2009), Holland (2015), Pires (2015), Gonzalez (2016).

A cultura popular passa a ser fonte de conhecimento, utilizada como um espelho para a realidade na tentativa de elucidar processos e conceitos das Relações Internacionais. Através desse processo, valoriza-se o conhecimento que se adquire destas práticas cotidianas tão próximas e tão presentes na vida dos estudantes. Considerando a utilização de cultura popular como elemento de compreensão das Relações Internacionais, o presente trabalho se propõe a analisar a obra *American Gods*, de Neil Gaiman, relacionando as teorias realista, liberalista, construtivista, de gênero e pós-colonialista para demonstrar que a cultura popular pode ser utilizada como material de ensino em concordância com a bibliografia básica na metodologia de ensino dos docentes.

A obra, escrita por Neil Richard Gaiman, surgiu de uma de suas histórias mais famosas: *Sandman*. Neil é um escritor britânico de contos, romances e roteiros. Seu

primeiro trabalho foi a biografia da banda Duran Duran¹, em 1984. Trabalhou por um bom tempo como quadrinista da *DC Comics*², por onde lançou os quadrinhos *Sandman*, contando a história dos 7 Perpétuos, entidades responsáveis pelo ordenamento da realidade. Em 2001, pela editora *HarperCollins Publishers*, sediada em Nova York, lançou a obra *American Gods*, transformada em série de televisão no ano de 2017. É importante ressaltar que este trabalho analisou apenas o livro, uma vez que o seriado foi modificado e não se assemelha, em muitos aspectos, à obra original (CAMPBELL, 2015).

A história traz como personagem central o ex-presidiário e taciturno Shadow Moon, participante constante, porém misterioso e quase inativo em muitos momentos. A poucos dias de deixar a prisão, Shadow descobre que a esposa, Laura Moon, acabara morrendo em um acidente de carro junto com o melhor amigo de Shadow, Robbie (GAIMAN, 2001; CAMPBELL, 2015). A partir desse momento, a vida de Shadow se torna uma espécie de show. Falido, sozinho e sem rumo, ele conhece Mr. Wednesday, um simpático e convencido senhor que o oferece um emprego de guarda-costas. Intrigado e deveras relutante, Shadow resiste em aceitar a proposta, apegado ainda ao que ele poderia ter tido se Laura ainda estivesse viva.

Vendo-se sem alternativas, Shadow aceita a proposta de Wednesday e passa a viajar com ele através do território americano, visitando velhos amigos que Wednesday diz serem deuses. Shadow segue descrente por grande parte da viagem, mas descobre-se em meio a uma batalha de deuses ao perceber do que realmente se tratam as visitas. É então que a realidade surreal do mundo de Wednesday atinge Shadow e ele se vê preso aos compromissos assumidos junto ao velho. A guerra dos deuses está começando e é só uma questão de tempo para que surjam vilões e mocinhos.

A ideia central do livro é enfatizar que deuses e criaturas mitológicas existem porque as pessoas acreditam neles. Entretanto, crenças se modificam, as pessoas têm necessidades diferentes, fazendo com que antigos deuses tornem-se obsoletos

¹Banda Inglesa de rock e *new wave* formada em 1978, considerada uma das bandas mais importantes da década de 1980.

²Editora norte-americana de quadrinhos, subsidiária da *Warner Bros Entertainment, Inc.*

à medida que surgem novas divindades. Os imigrantes que trouxeram os primeiros deuses à América não são as mesmas pessoas que formam a América hoje e, desta forma, estes deuses antigos vão sumindo aos poucos, substituídos pelo cartão de crédito, pela mídia, pela internet, pela exímia necessidade que o ser humano tem de controlar a tudo e todos. De acordo com o autor, os novos deuses passaram a ser a obsessão dos americanos (CAMPBELL, 2015).

Tendo *American Gods* como pano de fundo para este trabalho, propõe-se uma análise diante do conteúdo da narrativa, conferindo se há possibilidade de um livro ficcional ser utilizado como material de ensino. Como objetivos adicionais, verificou-se quais das teorias supracitadas abrangem de forma mais completa, e melhor, o cenário apresentado pela obra, estabelecendo a possibilidade de cultura popular ser utilizada como metodologia de ensino. Além disso, a pesquisa procura criar uma ponte entre a literatura e a realidade, aplicando *American Gods* ao cenário internacional.

Com a intenção de guiar o estudo aqui proposto, busca-se responder à seguinte pergunta: o cenário do livro *American Gods*, de Neil Gaiman, analisado à luz das teorias das Relações Internacionais, reflete, de alguma forma, o cenário atual do sistema internacional?

Para tanto, considera-se a hipótese de que o realismo, o liberalismo, o construtivismo, as teorias de gênero e o pós-colonialismo estão inseridas dentro da trama quando comparadas a situações vividas pelos personagens. A globalização, fenômeno mundial que provocou uma grande interdependência entre Estados; o papel da mulher dentro do sistema internacional reduzindo-a a figuras secundárias; a anarquia; as relações pós-coloniais estabelecidas há séculos e que perduram no legado deixado pelas civilizações. Tendo isso em vista, *American Gods* demonstra-se uma obra ficcional que pode ser utilizada como material complementar ao ensino de Relações Internacionais ao contemplar alguns dos inúmeros conceitos da disciplina.

A pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo empírico, tendo em vista que seus dados adotam um caráter subjetivo e, portanto, não há como estabelecer dados estatísticos. A pesquisa qualitativa empírica busca compreender e interpretar seus dados a fim de “facilitar a aproximação prática” com o conteúdo (DEMO, 2000, p. 21). De acordo com Godoy (1995, p. 62-63) a pesquisa qualitativa “tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”, onde estudos qualitativos têm foco em estudar e analisar o mundo empírico, sendo essencialmente descritiva, na tentativa de verificar um fenômeno e interpretar o significado das coisas.

Utilizou-se o método dedutivo para o desenvolvimento da pesquisa, caracterizado por partir de fatos gerais para se chegar a uma questão fundamental particular, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009). No entendimento de Lakatos e Marconi (1991), tal método é o caminho das consequências, pois há uma cadeia de raciocínio que parte do todo para uma conclusão específica. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas pesquisas bibliográficas fundamentada na análise de livros e artigos de periódicos que fossem relevantes para a pesquisa. A metodologia da monografia está estruturada de forma que se volte ao aperfeiçoamento de determinadas questões da pesquisa, especialmente com relação às hipóteses lançadas.

Além desta introdução, das considerações finais e das referências, a presente monografia apresenta mais três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico buscado ao longo desta pesquisa e que serve como base para os estudos desenvolvidos durante a redação da monografia. O segundo capítulo, intitulado de “*American Gods* e Relações Internacionais” é composto por comparativos entre as situações apresentadas no livro e as teorias a serem analisadas durante o desenvolvimento desta monografia. O terceiro capítulo, “O Sistema Internacional dentro de *American Gods*” procura trazer o teor do livro para a compreensão do mundo real, relacionando momentos e personagens a situações e eventos que caracterizam as Relações Internacionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As Relações Internacionais são um campo interdisciplinar, surgido, inicialmente, como uma tentativa de explicar a relação entre os Estados. As mudanças no equilíbrio de poder europeu que levaram à eclosão da Primeira e da Segunda Guerra Mundiais fomentaram, nesse sentido, o surgimento de teorias que tentavam explicar a ocorrência de grandes conflitos interestatais e as possibilidades de se estabelecer a paz (STEANS *et al.*, 2010). Em princípio, as relações no âmbito internacional consideravam o Estado como um ator principal, um agente ativo da política e da estratégia de poder. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a análise com enfoque no Estado não foi mais suficiente para explicar as novas demandas, os novos atores e as novas perspectivas acerca do sistema internacional (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

É através da dinâmica da compreensão do sistema internacional que nascem conceitos que carregam consigo uma tentativa de compreender a organização desse sistema e explicar a ação dos países dentro desta comunidade. É nesse contexto que despontam as chamadas “teorias das relações internacionais”. As teorias das Relações Internacionais, para Cynthia Weber (2010), são uma coleção de histórias a respeito da política internacional, apresentando não apenas o que acontece no mundo, mas trazendo consigo uma visão própria do que estes acontecimentos representam. Na visão de Stephen Walt (2004), a teoria é construída a partir do mundo real, compreendendo as forças básicas que dão forma aos eventos internacionais.

Em essência, as teorias são instrumentos teóricos que auxiliam na interpretação da ação para além do espaço interno de cada Estado, procurando tornar o meio internacional muito mais compreensível. Considerando essa necessidade de entender o Sistema Internacional, as teorias procuram, através de diferentes formas, dar sentido às atitudes tomadas pelos Estados. Hadley Bull afirmou que a atividade teórica pode ser percebida em três grandes momentos: o idealismo, ou progressismo, que foram dos anos 1920 ao início dos anos 1930, o conservadorismo de 1930 a 1940 e as teorias sociais que surgiram a partir de 1950 (BULL, 1972, p. 33 apud SCHMIDT, 2002).

O primeiro debate acerca da guerra e de modos de evitá-la ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, trazendo à tona as teorias positivistas. Conforme o texto de Braga (2013, p. 59), teorias positivistas acreditam em verdades universais e científicas, fundamentadas pela razão ao tentar explicar as relações sociais internacionais, concordando com a perspectiva de Lapid (1989). Sendo também chamadas de teorias clássicas das Relações Internacionais, consoante aos autores Nogueira e Messari (2005), as teorias positivistas se caracterizam por questões de segurança e poder militar, preocupadas com a sobrevivência do Estado (BRAGA, 2013). A principal, e talvez mais importante delas, é o realismo.

2.1 Realismo

O realismo surge sob influência de grandes nomes como Nicolau Maquiavel (1469-1527) e Thomas Hobbes (1588-1679). Seus trabalhos evidenciaram a questão da “natureza humana” e a ideia de que o espaço internacional está inserido numa busca constante por poder, sob a orientação de leis objetivas que governam a sociedade, fundamentadas na natureza humana ((RIBEIRO, 2006). Hans Morgenthau (2005, p. 19) compartilhava de ideias semelhantes a respeito do sistema internacional.

Posteriormente à Primeira Guerra Mundial, a necessidade de avaliar a situação do Sistema Internacional a fim de evitar novos conflitos, fez com que os

Estados questionassem a eficácia das leis internacionais em um ambiente indômito. Propondo que houvesse uma reafirmação do poder dentro desse sistema, a teoria realista ganha espaço com as discussões propostas por Morgenthau (2005, p. 19), sucedendo às ideias de Maquiavel e Hobbes. A ideia trazida por Maquiavel evidenciava a natureza humana como “íngrata, dissimulada e gananciosa”, aceitando o Príncipe apenas por este atender às suas necessidades. A necessidade de sobrevivência do Estado seria um reflexo dessa natureza humana (MAQUIAVEL, 2012, p. 63). Hobbes também tem a natureza humana como má, propondo que todos os homens são tão iguais que sua convivência culmina em um “estado de guerra de todos contra todos” (RIBEIRO, 2006, p. 56).

A visão pessimista da natureza humana sugerida por Maquiavel e Hobbes serviu, ainda, para as críticas que Edward Hallet Carr fez ao idealismo em seu livro *Vinte Anos de Crise*. Por meio das ideias de Maquiavel, Carr (2001, p. 85) estabeleceu que o realismo viria a ser um instrumento analítico que explica com mais precisão as relações entre os Estados, determinando que a política internacional era uma política de poder com três princípios básicos: a história só é compreendida através daquilo que aconteceu e não daquilo que se quer que aconteça; é a prática da política que resulta em uma teoria e não o oposto; e que a moral e a ética, apesar de atreladas à política, são cunhadas à partir desta (MORGENTHAU, 2005; CARR, 2001, p. 86).

De acordo com Baylis, Smith e Owens (2011), o “estado de natureza”, proposto por Hobbes, caracteriza o sistema internacional como anárquico, onde os Estados vivem, unicamente, para protegerem-se e garantirem sua sobrevivência. O realismo teria como premissa uma competição constante pela hegemonia no sistema internacional.

Uma vez que a teoria de Morgenthau foi considerada insuficiente para explicar o sistema internacional, os realistas posteriores procuraram desenvolver uma teoria que evidenciasse as mudanças políticas, instabilidades econômicas e as trocas que ocorrem dentro desse sistema de poder, abandonando a “essência

permanente” do Estado e que se concentrasse em compreender a competitividade e a anarquia encontrada no mundo político (DAGIOS, 2011, p. 279).

Foi Kenneth Waltz (2010, p. 197) que introduziu uma reformulação da teoria realista ao dizer que não são as ações inerentes da natureza humana que determinam o modo como o Estado agirá dentro do sistema internacional, mas sim a forma como as suas “capacidades” o restringirão.³

De acordo com os realistas estruturais, a distribuição relativa do poder no sistema internacional é a principal variável independente na compreensão da guerra e da paz, de alianças políticas e do equilíbrio de poder (BAYLIS, SMITH e OWENS, 2011, p. 108).

Segundo Baylis, Smith e Owens (2011), a constante busca por poder neorrealista não é atribuída à natureza humana, mas sim às restrições estruturais de cada Estado. Estes possuem demandas que não podem ser atendidas caso o Estado não possua tais recursos. São estas “habilidades”, ou seja, as suas capacidades estruturais, que determinarão a forma como estes recursos serão distribuídos, resultando na capacidade de cada Estado de ampliar recursos ou de se tornar dependente de outro.

2.2 Liberalismo

Assim como o realismo, o liberalismo também é considerado uma veia clássica das teorias das Relações Internacionais. Procurando inovar a forma como se pensava a respeito da natureza humana, o liberalismo suscita uma perspectiva mais positiva ao considerar que, mesmo que o ser humano busque a própria felicidade e seja movido por interesses próprios, produziria resultados positivos na sociedade. Conforme afirmam Nogueira e Messari (2005, p. 59), apesar das motivações egoístas, os mecanismos de funcionamento da sociedade — comércio,

³ Apesar de os Estados serem considerados semelhantes diante de suas necessidades, é a sua posição através destas habilidades que determina a distribuição de recursos. É a estrutura deste Estado, junto com suas capacidades, que lhe possibilita estabilidade e poder (HERNÁNDEZ, 2009, p. 121).

democracia e mesmo instituições internacionais — fariam com que estes objetivos, automaticamente, promovessem o crescimento do bem-estar entre todos. John Locke (1632-1704) traz, a partir desta concepção, duas ideias liberais fundamentais como a liberdade econômica e a liberdade intelectual (MELLO, 2006).

Introduz-se, então, a ideia de que o *laissez-faire* criaria uma ordem espontânea, onde não seria necessária uma entidade que coordenasse o interesse comum, pois indivíduos livres seriam capazes de formar uma estabilidade política. Essa estabilidade política seria atingida através da interação entre os indivíduos, uma vez que esta interação obedeceria a uma ordem determinada, quase como se fossem conduzidos por uma *mão invisível*, termo introduzido por Adam Smith em *A Riqueza das Nações* (NOGUEIRA e MESSARI, 2005; FUKUYAMA, 1992, p. 74). A desconfiança contra o Estado é constante na tradição liberal considerando a ideia de que, internamente, ameaça liberdades individuais e, externamente, mina a paz ao promover a guerra, conforme os textos de Gilpin (1987) e Nogueira e Messari (2005).

Surgem, dentro do processo de formação da teoria liberal, os conceitos de cooperação, de um Estado liberal-democrático e o modelo liberal econômico do sistema internacional. De acordo com Murgi (2013), a ideia liberal de cooperação é influenciada por Immanuel Kant. No ensaio sobre a paz perpétua, Kant defende que governos despóticos encontram muito mais facilidade em promover a guerra, que governos democráticos movidos pelos interesses sociais e pela opinião pública (MEHL, 2013; NOGUEIRA e MESSARI, 2005). Esta percepção alimentou a defesa do liberalismo democrático realizado por Fukuyama (1992), dando força ao conceito central da teoria. Essa força advém da queda das potências bipolares e da visão positivista do Estado vinculada a um discurso que desencorajava o intervencionismo e louvava o livre mercado, reforçando a ideia de Adam Smith (SILVA e VILAS BOAS, 2010; MEHL, 2013).

The economic success of the other newly industrializing countries (NICs) in Asia following on the example of Japan is by now a familiar story. What is important from a Hegelian standpoint is that political liberalism has been following economic liberalism, more slowly than many had hoped but with

seeming inevitability. Here again we see the victory of the idea of the universal homogenous state (FUKUYAMA, 1992, p.14).

Adam Smith apresenta, então, o modelo liberal-econômico do sistema internacional, onde se acredita que as Relações Internacionais podem ser motivadas essencialmente pelo livre comércio, conforme explica Andrade (1999, p. 60). Considerado o pai da economia moderna, Smith trazia a guerra como desfavorável para o livre comércio, acreditando que o desenvolvimento do comércio internacional instauraria a paz e a cooperação no sistema internacional, já que, conforme Montesquieu (1689-1755), a paz seria um “efeito natural” do comércio, pois geraria uma relação mútua de dependência e interesses comuns entre as nações (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

Essencialmente, os liberais acreditam que as relações comerciais e econômicas são uma fonte de relações pacíficas entre as nações porque os benefícios mútuos do comércio e a expansão da interdependência entre as economias nacionais tendem a promover relações de cooperação (GILPIN, 1987, p. 31).

Contrariando o pressuposto realista, conforme o texto de Baylis, Smith e Owens (2011), o liberalismo projeta valores de ordem, liberdade, justiça e tolerância, conquistados através da unificação comercial do mundo. Para os liberais, a razão humana é capaz de desenvolver princípios que façam com que as instituições atuem na busca do equilíbrio e da autorregulação.

2.3 O Terceiro Debate: Construtivismo, Gênero e Pós-Colonialismo

A evolução teórica das Relações Internacionais foi marcada pela ascensão de novos debates, que se concentraram em questões de cooperação, conflito, identidade, religião, ética e gênero como novas perspectivas do sistema internacional. Para tanto, de acordo com a ideia defendida por Herz (1997, texto digital), pós-positivistas movidos por estas questões, buscaram desenvolver teorias que compreendessem a comunidade internacional através destes elementos. Tais teorias surgem sob a égide do Terceiro Grande Debate, conhecido também como

debate de paradigmas, marcado pela globalização e pela ascensão de novos atores internacionais (AGUILAR e SOCCIO, 2014).

Uma das primeiras críticas às teorias realista e liberalista concentra-se nas publicações de Nicholas Onuf e no texto de Alexander Wendt (1992), *Anarchy is What States Make of It*. Popularizadores da teoria construtivista, Onuf e Wendt criticaram o fato das teorias clássicas não darem conta das novas questões da dinâmica mundial, como identidade, cultura e ética, incentivando a criação de um terceiro debate no campo das Relações Internacionais (ADLER, 1999; NOGUEIRA e MESSARI, 2005). Este terceiro debate trouxe ao campo dos eventos sociais o debate das ciências sociais acerca do lugar das ideias e dos valores dentro da dinâmica internacional, procurando afastar-se do radicalismo idealista e de uma visão puramente materialista, apresentando-se como um “meio-termo” (BARBOSA, 2010).

Construtivismo é a perspectiva segundo a qual o modo pelo qual o mundo material forma e é formado pela ação e interação humana, depende de interpretações normativas e epistêmicas dinâmicas do mundo material (ADLER, 1999, p. 205).

O construtivismo está fundamentado em compreender a influência das ideias na construção da identidade e como os atores definem seus interesses a partir destas identidades. Desta forma, a teoria construtivista tenta explicar como um determinado evento é possível, argumentando, conforme coloca Wendt (1992), que estes fenômenos possuem estruturas internas e externas, sendo estas estruturas formadas pelo significado que têm para as pessoas que nelas vivem (BARBOSA, 2010).

Além do construtivismo, os estudos sobre gênero também ganharam espaço no campo de estudos das Relações Internacionais, possibilitando o surgimento de uma série de abordagens feministas dentro da disciplina. Com caráter político ou abordagens históricas, os pensamentos pós-positivistas procuram questionar a dominância da corrente realista, argumentando que os indivíduos que compõem o Estado, até então autor central, também são parte das Relações Internacionais (DO MONTE, 2010, p. 34).

A perspectiva feminista das Relações Internacionais é recente, ingressando neste campo de estudos a partir da década de 1980, também compondo o chamado terceiro debate. Ann Tickner (2005), teórica feminista das Relações Internacionais, divide em dois momentos a perspectiva feminista: num primeiro momento, a maior preocupação era desafiar o viés masculinista que estruturava o campo de estudos das Relações Internacionais; em um segundo momento, o enfoque estava na investigação de casos empíricos a fim de dar visibilidade às questões sobre gênero.

A premissa básica dos estudos de gênero nas relações internacionais é a de relacionar a esfera (inter)perssoal ao campo internacional, dando ênfase às manifestações do patriarcado em processos de negociação, no funcionamento de instituições, guerras ou crises, além de todos os outros elementos que compõem essa dinâmica internacional. De acordo com o texto de Do Monte (2010) e Isquierdo (2012).

[...] a agenda feminista em Relações Internacionais envolve questões identitárias, como raça, cultura e gênero. E elas enfocam na investigação do modo como as instituições internacionais estruturam, moldam e reproduzem a desigualdade de gênero e, ao mesmo tempo, como as instituições são sustentadas por esta mesma desigualdade (ISQUIERDO, 2012).

A teoria de gênero então, faz-se possível enquanto abordagem pós-positivista que analisa as relações de poder, questionando a participação masculina em posições de liderança internacional enquanto “mulheres permanecem tão fundamentalmente desempregadas em matéria de política externa e militar” (TICKNER, 2005, p. 2177).

Somadas a todas as teorias que foram surgindo após a Segunda Guerra Mundial, ainda deve-se considerar outra abordagem das Relações Internacionais. Apesar de ainda ser considerada uma teoria marginal, o pós-colonialismo é uma abordagem histórica que trata das relações de poder entre o que chamamos hoje de norte e sul. A primeira década do século XXI trouxe significativa visibilidade ao debate do pós-colonialismo dentro das estruturas de poder que compõe o sistema

internacional, explorando o potencial e a relevância desse discurso para os estudos de Relações Internacionais.

O termo pós-colonialismo é usado para designar ex-colônias que sofreram impactos políticos, militares, burocráticos, sociais e econômicos apesar de sua independência (ASHCROFT, 1991 apud OLIVEIRA NETO, 2017, texto digital). O ingresso do pós-colonialismo nas Relações Internacionais ocorre através do surgimento do neocolonialismo, momento em que “as identidades nacionais pós-coloniais são construídas em oposição às europeias” (CHOWDRY e NAIR, 2002, p.2).

Uma das críticas mais fortes da literatura pós-colonial está no etnocentrismo europeu das narrativas dominantes dos estudos de Relações Internacionais. Edward Said (2007) trouxe a questão da construção ocidental através da identidade oriental, tornando o oriente o “outro” na relação de poder entre os Estados. O pós-colonialismo consiste, conforme Spivak (2010), em subjugar um sujeito, anulando sua simbolização, subjetivação e representação, de forma que sua memória e sua importância sejam dominadas frente aos discursos dominantes de representação e poder (OLIVEIRA NETO, 2017, texto digital).

2.4 Cultura Popular e Relações Internacionais

Ao longo do processo de evolução das Relações Internacionais como campo de estudo, a cultura foi se tornando um aspecto intrínseco à análise das relações de política e poder. Conforme Grayson, Davies e Philpott (2009, p. 155-156) trouxeram no artigo *Pop Goes IR?*, diversos teóricos das Relações Internacionais — Althusser (2001), Hall (1980), Harvey (1989), Said (1981) — já haviam identificado a cultura como “um importante sítio onde poder, ideologia e identidade são construídas, produzidas e até mesmo, materializadas”. Como define Simon During (2005, p. 6), “cultura não é uma coisa ou um sistema, mas sim um conjunto de processos, transformações, práticas e eventos (como filmes, poemas ou combates mundiais)”, que seriam uma forma de ilustrar o pensamento crítico ao passo que possuiriam

significâncias e práticas que representariam o nosso cotidiano. Estas representações existem e são produzidas para serem vivenciadas e experimentadas, a fim de que possam adquirir significados e valores diferentes dentro da rede onde foram inicialmente criadas (RUANE e JAMES, 2008; DURING, 2005).

A partir desta visão de cultura, deriva-se o termo cultura popular, compreendido, em seu sentido mais amplo, como os elementos encontrados na vida cotidiana, partindo desde romances e pinturas a propagandas e objetos. Entretanto, Marie V. Gibert (2015) também trata de cultura popular como um objeto a ser estudado.

I see popular culture – understood in its broadest sense as the material that we come across in our everyday lives, from novels to paintings, films, music and songs, objects, advertisements, news pieces, online reports, and tweets – as a political arena, where long-lasting ideas and concepts are shaped that durably inform our politics and international relations, even at the highest levels of the state (GIBERT, 2015, p. 2).

O conceito da utilização da cultura popular como objeto de estudo é também trazida por Ruane e James (2008), como um espelho pedagógico que tem o intuito de elucidar paradigmas. O estudo de Cynthia Weber (2001), sobre a utilização da cultura popular como forma de ensino de Teoria das Relações Internacionais, retrata estes elementos como um benefício para a aprendizagem dos alunos, quando empregados criticamente e em conjunto ao conteúdo que a disciplina exige. A integração destes elementos aos processos de ensino deve possibilitar o desenvolvimento de habilidades críticas, tal como a literacia⁴, conforme enfatizam Weber (2001) e Holland (2015).

É esta discussão que autores como Nexon e Neumann (2006), Pires (2015), Gonzalez (2016), Grayson, Davies e Philpott (2009), entre outros, evidenciam ao

⁴ A concepção clássica de literacia estava relacionada à capacidade de aprendizagem de leitura e escrita por cada indivíduo. Entretanto, a literacia como uma capacidade humana não é estática, pois a compreensão e o entendimento dos indivíduos sofrem mudanças ao longo do tempo que influenciam suas interpretações (CHAGAS, 2000). De acordo com Livingstone (2003) apud. Macedo e Cabecinhas (2012), a visão histórica tida do processo da literacia é desacreditada ao considerar que literacia deve ser entendida como a capacidade de discutir as inter-relações existentes entre ciência, sociedade e humanidades (CHAGAS, 2000).

longo dos discursos sobre a ficção e a realidade, ao relacionarem as Relações Internacionais com mundos fictícios e personagens imaginários. Conforme pode ser visto no texto de Nexon e Neumann (2006, p. 104-110), estas representações culturais refletem aspectos sociais e políticos reais, como as diferentes nacionalidades dentro do universo de Harry Potter, ligadas a linguagem e a sistemas educacionais particulares, como *Beauxbatons* e *Durmstrang*⁵. Ou ainda, como citam Grayson, Davies e Philpott (2009), os jogos online, como *World of Warcraft*⁶, uma representação de economias políticas.

Pensando nisto, as ideias propostas por Gonzalez (2016) podem ser comparadas com o texto de Lima (2016), uma vez que ambas as análises se aplicam às ideias de Nexon e Neumann (2006), revelando múltiplas abordagens sobre a cultura popular. Estas abordagens retratam a cultura popular como um espelho, onde é tida como um recurso pedagógico para a explicação de conceitos e processos das Relações Internacionais; e como dado, onde produções como Harry Potter, Senhor dos Anéis e *American Gods* evidenciarão “normas dominantes, valores culturais, ideias, identidades ou crenças de um Estado, sociedade ou região em particular” (LIMA, 2016, p. 9; NEXON e NEUMMAN, 2006).

A ideia da utilização de elementos ficcionais para a compreensão do sistema internacional e das relações políticas e de poder não se aplica apenas à disciplina. É importante enfatizar que o aluno é um componente significativo no processo de aprendizagem, responsável por desenvolver sua própria jornada do herói, como proposto por Rocha e Paula (2017). A ideia da jornada do herói, ou monomito, surgiu através do antropólogo Joseph Campbell numa mescla do conceito junguiano de arquétipos, da teoria do inconsciente de Freud e dos ritos de passagem propostos pelo antropólogo francês, Arnold Van Gennep (XAVIER, 2009, p. 114; CAMPBELL, 1995). É o conceito de uma jornada cíclica de aprendizado, que se caracteriza por estágios que levam o sujeito a se tornar o herói. É essa jornada, determinada pela

⁵Assim como a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, existem outras instituições de ensino dentro do universo fictício de Harry Potter, escrito pela autora J.K. Rowling. *Beauxbatons* e *Durmstrang* são instituições britânicas tais quais Hogwarts. Como citado no livro “Harry Potter e a Ordem da Fênix”, existem diversas instituições espalhadas pelo mundo.

⁶ World of Warcraft é um jogo MMORPG online lançado em 2004 pela produtora Blizzard Entertainment, que se passa no mundo fantástico de Azeroth.

superação de obstáculos e dificuldades, que leva o herói aos atos finais de redenção, onde ele finalmente volta ao mundo comum, “purificado”, de forma que possa trazer algo novo a este mundo.

Introduzir a cultura popular à forma de ensino é, de acordo com Grayson, Davies e Philpott (2009, p. 157), promover uma investigação “antropológica filosófica da vida cotidiana em escala global”, porque é no imaginário cultural que se reproduzem narrativas que servirão de base para ações políticas e comunitárias. Por exemplo, os filmes de ação, com personagens que se caracterizam como espiões, usam, em geral, conflitos internacionais como pano de fundo para discutir sobre a condição humana (GRAYSON, DAVIES e PHILPOTT, 2009; WEBER, 2001).

2.5 Conclusões Parciais

A ficção, portanto, pode ser um modo de explicar as Relações Internacionais de uma forma menos subjetiva, uma vez que, como Weber (2001, p. 283) menciona, muitas questões são abstratas para os alunos. Quando caracterizado a partir de elementos comuns a todos, o debate acerca das Relações Internacionais dispõe de maior engajamento por parte dos alunos, conforme pode ser visto no texto de Weber (2001) e Lima (2016). Além disso, valorizar a cultura popular como uma forma de aprendizagem é valorizar o conhecimento que se adquire destas experiências culturais, possibilitando o desenvolvimento crítico e consciente de uma realidade alternativa para que, posteriormente, seja aplicada à realidade na qual vivemos, promovendo diálogos pertinentes e rompendo assim, como Ribeiro (2009) e Grayson, Davies e Philpott (2009) também enfatizam, as práticas docentes cotidianas.

No próximo capítulo, trataremos da relação entre as Relações Internacionais e o contexto trazido por Neil Gaiman no livro “*American Gods*”, evidenciando a forma como as representações contidas no livro podem servir para explicarem as Relações Internacionais.

3 *AMERICAN GODS* E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

No capítulo a seguir, relacionaremos os eventos do livro *American Gods* com as teorias das Relações Internacionais, procurando enfatizar de que forma a cultura popular criada a partir do imaginário pode servir como pano de fundo para o ensino. Realizar-se-á um comparativo entre as situações contidas no livro e as teorias supracitadas, evidenciando a cultura popular como forma e ensino das Relações Internacionais.

Para tanto, faz-se necessária uma breve apresentação do enredo proposto pelo livro de Gaiman (2001). *American Gods* apresenta-nos Shadow Moon, o personagem central da história. Depois de um acesso de raiva que terminou em uma agressão, Shadow é preso e obrigado a passar algum tempo fora de cena. Poucos dias antes de obter sua liberdade de volta, Shadow descobre que a esposa, Laura Moon, morreu em um acidente de carro. Ele é imediatamente mandado de volta à sua cidade para que possa comparecer ao enterro de Laura. É neste contexto que Shadow conhece o nosso primeiro grande deus, Mr. Wednesday. Enigmático e irônico, Mr. Wednesday se apresenta muito sutilmente aos leitores, inserindo-se à medida que tenta contratar os serviços de Shadow.

A partir do momento em que Shadow aceita ser o “guarda-costas” de Mr. Wednesday, sua vida muda completamente. É a partir deste momento que ele passa a ter contato com os demais personagens. Logo no início da história, Shadow conhece Mad Sweeney, o *leprechaun*, que numa luta, perde sua moeda da sorte

para Shadow e vai definindo sem conseguir recuperá-la. Mas este é apenas um dos deuses que cruzam o caminho de Shadow e Mr. Wednesday ao longo do livro.

A viagem na qual Shadow e Mr. Wednesday embarcam os leva à casa onde vivem as Irmãs Zorya e Czernobog. As Zorya são parentes de Czernobog, irmãs que representam divindades mitológicas eslavas que desempenham o papel de mantenedoras da ordem cíclica e da proteção do universo. A história apresenta Zorya Vechernyaya, a Estrela da Tarde; Zorya Utrennyaya, a Estrela da Manhã e Zorya Polnochnaya, a Estrela da Meia-Noite, que hoje sobrevivem trabalhando como videntes. Czernobog, que vive com as Irmãs, é o deus eslavo da escuridão que sobreviveu na América trabalhando em um matadouro de gado até ser substituído pelas máquinas. Para que se junte à causa, Shadow e ele embarcam em duas disputas de xadrez, onde Shadow consegue a ajuda do deus durante a guerra contanto que Czernobog possa matá-lo ao fim desta.

Através de Czernobog, Shadow é apresentado à Mr. Nancy, “um homem pequeno, do tipo de velhinho que parecia ter encolhido com o passar dos anos” (GAIMAN, 2001, p. 162). Mr. Nancy, ou Anance, deus de origem africana, conhecido por ter forma de aranha, é outra personagem marcante do livro, que embarca na guerra com os antigos deuses. Além destes, outra figura importante aos antigos deuses é Easter, ou Ostara, deusa do amor e da ressurreição que sustenta sua existência na ressurreição de Cristo, na Páscoa, para continuar sobrevivendo já que foi esquecida desde que a crença no filho de Deus surgiu. Existem alguns outros deuses com aparições menores como Bîlquis, a deusa do sabá, ligada ao sexo e ao prazer, obrigada a se prostituir para garantir sua sobrevivência; Mr. Jacquel e Mr. Ibís, responsáveis pelo funcionamento da funerária que cuida de Laura Moon após voltar à vida, e Ifrit, um espírito de fogo da mitologia árabe apresentado como um motorista de táxi.

Do outro lado do tabuleiro, têm-se os novos deuses, formados por Media, Garoto Tecnológico e o misterioso Mr. World. Originados em uma era de tecnologia, da ascensão do dinheiro e do desenvolvimento da internet, eles são representações de tudo aquilo que as pessoas adoram no mundo contemporâneo. Media é a deusa

das celebridades, da adoração pela televisão, das horas perdidas diante dos canais de televisão. O Garoto Tecnológico é a representação da tecnologia, dos computadores e da internet. Ele é jovem e imprudente, devido ao pouco tempo de vida da internet, mas aos poucos, torna-se um dos deuses mais poderosos do mundo. E por fim, Mr. World, um deus difícil de compreender e definir por suas características sombrias. É provável que ele represente sistemas de espionagem, o desenvolvimento da globalização e a obsessão por teorias da conspiração. Sob seu comando, Mr. Wood, Mr. Stone, Mr. Road e Mr. Town, responsáveis por encontrarem Shadow e Mr. Wednesday ao longo da narrativa.

Estes são os personagens principais do livro. Alguns personagens menores aparecem ao longo da narrativa, mas não configuram tanta importância ao desenrolar da obra.

3.1 Realismo: a Guerra entre Deuses

Conhecido como uma das teorias clássicas das Relações Internacionais, o realismo, que, tradicionalmente, tem algumas premissas comuns a todos os realistas, é um dos componentes principais do livro de Gaiman (2001). A trama do livro gira em torno da insatisfação, do medo, da necessidade de poder e da eminência de guerra, revelando inúmeras similaridades com os conceitos principais apresentados pela teoria (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

Sendo um dos personagens centrais do livro, Mr. Wednesday atua ao lado dos antigos deuses na tentativa de voltar aos tempos dourados, onde deuses como Mr. Wednesday, Mr. Nancy, as Irmãs Zorya e outros, eram reconhecidos e cultuados pelo povo, ou, conforme a história contada por Czernobog, ele ainda estaria trabalhando em um matadouro sem ser substituído por máquinas. Era uma época poderosa para os antigos deuses, onde a crença do povo os tornava fortes, permitindo assim, que destruíssem as novas ameaças que os cercam. Mr. Wednesday, neste contexto, tornar-se uma exemplificação de um Estado, pleiteando aliados para que possa se tornar mais forte no período de guerra, identificam-se os

mesmos propósitos exaltados pela teoria realista: sobrevivência em um sistema anárquico.

Assim, como todos vocês tiveram oportunidade de descobrir sozinhos, existem novos deuses crescendo nos Estados Unidos, apoiando-se em laços cada vez maiores de crenças: deuses de cartão de crédito e de autoestrada, de internet e de telefone, de rádio, de hospital e de televisão, deuses de plástico, de bipe e de néon. Deuses orgulhosos, gordos e tolos, inchados por sua própria novidade e por sua própria importância. Eles sabem da nossa existência e tem medo de nós, e nos odeiam — disse Odin. — Vocês estão se enganando se acreditam que não. Eles vão nos destruir, se puderem. É hora de a gente se agrupar. É hora de agir (GAIMAN, 2001, p. 171).

Como antagonista, tem-se Mr. World, um dos deuses da nova geração, criado pelo autor para representar a globalização e o avanço nos sistemas de espionagem ao redor do mundo. Mr. World é trazido por Gaiman (2001) como uma forma sem rosto, rodeado de segredos. A história gira em torno de uma tentativa de guerra, do medo dos antigos deuses e da ascensão de novas ideologias e crenças.

Nogueira e Messari (2005), ao explicarem o realismo dentro das Relações Internacionais, fazem claro o objetivo central do Estado:

[...] algumas premissas podem ser consideradas comuns a todos os realistas. Essas premissas são a centralidade do *Estado*, que tem por objetivo sua *sobrevivência*, a função do *poder* para garantir essa sobrevivência, seja de maneira independente [...], seja por meio de alianças [...] (NOGUEIRA e MESSARI, 2005, p. 23).

O intuito de sobrevivência surge quando, de acordo com as teorias realistas, vive-se em um sistema anárquico, onde a maximização da segurança e a busca pelo poder são condições intrínsecas deste sistema. Essa situação é encontrada dentro da narrativa ao perceber que é inevitável que os deuses vivam em guerras pelo fato de que os antigos deuses citados por Gaiman (2001) não aceitam as mudanças trazidas pelos novos deuses. A ascensão de novas fontes de poder e crença, a maximização e mesmo a mudança na balança de poder faz com que divindades como Mr. Wednesday se sintam ameaçadas e, desta forma, respondam a essas mudanças através do uso da força (BAYLIS, SMITH e OWENS, 2011, p. 107).

A narrativa, no entanto, não foca apenas na guerra como uma forma de sobrevivência do Estado. Os deuses, em especial os antigos, vivem pelo princípio da autoajuda, embora a necessidade de aliarem-se não deixe de ser uma temática importante ao longo da narrativa. Primeiramente, é preciso entender que as teorias realistas acreditam que a política é determinada pelas relações de poder, sendo poder definido em termos políticos, militares, econômicos ou, ainda, pela capacidade de influência em relação aos outros (NOGUEIRA e MESSARI, 2005; DUARTE, 2011). Destas relações de poder, surgem as alianças, diretamente ligadas aos interesses de sobrevivência do Estado.

Quando aplicadas ao livro de Gaiman (2001), as relações de poder são visíveis em ambos os lados. Mr. Wednesday tem influência sobre alguns deuses antigos, como Czernobog e Mr. Nancy, e usa isso como uma forma de influência em sua decisão. Em geral, a união é antecedida por alguns benefícios para ambos os lados. No livro, Gaiman (2001) faz com que Czernobog alie-se a Wednesday através de uma aposta. Shadow, o guarda-costas de Wednesday, durante uma partida de xadrez com o velho deus eslavo da morte e do caos, aposta que, caso vença, Czernobog deve participar da guerra e, caso perca, ele tem o direito de matá-lo. Após uma tentativa falha, Shadow se utiliza das amarguras do deus eslavo para conseguir um novo jogo. A segunda aposta mostra-se promissora quando Shadow vence. Atuando em conjunto com Mr. Wednesday, tanto Czernobog quanto Mr. Nancy, acreditam que um combate é a única solução para o problema.

Como Nogueira e Messari (2005, p. 23) propõem, duas características são comuns aos realistas, mas não são propriamente conceitos. Há ênfase em compreender o que acontece no sistema internacional, mas o que ocorre no interior do Estado acaba não sendo relevante à compreensão das Relações Internacionais, levando o Estado a ser chamado de caixa preta. A segunda característica está no pessimismo para com a natureza humana.

Existe, dentro do livro de Gaiman (2001), certo ceticismo quanto à capacidade de ambos os grupos conviverem em paz, demonstrado em uma das passagens do livro, que enfatiza a questão da natureza humana como má.

— Todo mundo mente — disse Wednesday.

Shadow reconheceu a voz do homem de costas para a câmera. Era o senhor World, aquele que havia conversado com Town pelo celular enquanto Shadow estava na cabeça dele.

— Você não acredita — perguntou o senhor World — que vamos cumprir nossa palavra?

— Eu acho que as suas promessas foram feitas pra serem quebradas, e os seus juramentos, pra serem abjurados. Mas eu vou cumprir a minha palavra (GAIMAN, 2001, p. 250-251).

Entretanto, não é somente a versão clássica do realismo que pode ser aplicada ao livro de Gaiman (2001). O realismo estrutural, ou o neorealismo, proposto por Kenneth Waltz (2010) enfatiza a questão estrutural de cada Estado. Para Waltz, as unidades, que no sistema internacional seriam os Estados, desconhecem o nível de estrutura, enfatizando que “ela — a estrutura — constrange, limita e orienta a ação dos agentes” (NOGUEIRA e MESSARI, 2005, p. 43).

A estrutura proposta por Waltz (2010) possui três características. O princípio ordenador, para o autor, pode somente ser anárquico ou hierárquico. O princípio ordenador em *American Gods* segue o mesmo princípio da premissa realista: o sistema internacional é anárquico quando não possui uma autoridade soberana. É importante ressaltar, tal como trouxeram Nogueira e Messari (2005, p. 45) e Baylis, Smith e Owens (2011) que nada impede o uso da força e a coerção por um Estado que possua recursos de poder superiores aos demais, conforme a passagem do livro em que o Garoto Tecnológico confronta Mr. World acerca de seu poder de fogo e da falta de iniciativa.

— Está bem. Tudo bem. Neste instante, duas coisas. Tudo bem. Um: o que a gente está esperando? E dois. O dois é mais difícil. Nós temos revólveres. Certo. Nós temos o poder da pólvora. Eles têm umas porras de umas facas, umas espadas, umas marretas e uns machados de pedra. E, tipo, pneus de ferro. Nós temos as porras das bombas inteligentes (GAIMAN, 2001, p. 337).

A segunda característica é a caracterização das unidades. Para Waltz, os Estados se caracterizam pela autoajuda, onde todas as unidades cumprem a mesma função essencial de preservar sua sobrevivência. A terceira e última característica baseia-se na análise de como o total de recursos de poder é distribuído entre as unidades. Waltz acredita que o sistema multipolar é mais estável

por permitir alianças não declaradas e o jogo duplo, justamente o cenário dentro do livro de *American Gods* (NOGUEIRA E MESSARI, 2015).

Gaiman (2001) faz com que a trama entre Mr. World e Mr. Wednesday seja muito mais complexa do que apenas uma batalha entre uma antiga potência e um país em ascensão. A proposta de Waltz com relação ao sistema multipolar permitir alianças não declaradas retrata o fato de Mr. World ser na verdade Low Key Liesmith — ou o deus Loki. Tanto Loki quanto Mr. Wednesday, revelado ao final do livro como Odin, arquitetaram o plano do nascimento de Shadow, a morte da esposa, Laura, o encontro de Shadow com Loki, ou Mr. World, e todo o evento da guerra para que, enquanto a batalha servisse como um sacrifício a Odin, Loki pudesse se alimentar do caos.

Assim como Sun Tzu (2007) escreveu uma vez, “a guerra é a empresa essencial do Estado, a base da vida e da morte, o caminho para a sobrevivência ou a extinção. Deve ser profundamente ponderada e analisada”, o livro expressa fortemente os conceitos realistas e de que forma a guerra é única solução quando a ascensão de um Estado é vista como uma ameaça a outro. É possível perceber ao longo da narrativa proposta por Gaiman (2001), inúmeros significados e demonstrações sobre a forma como o sistema internacional sofre transformações a partir da evolução dos fatores que o influenciam. Tal como Czernobog entra em desuso a partir da evolução tecnológica, outros deuses também sofrem substituições e passam a ser, lentamente, esquecidos.

O que o livro de Gaiman (2001) demonstra é que, embora a história trate de uma série de divindades mitológicas, elas têm diferentes significados que podem ser analisados a partir da perspectiva realista das Relações Internacionais. Histórias fantásticas sobre disputas não estão tão distantes da realidade do sistema internacional no qual residem todos os Estados.

3.2 Liberalismo: a Mão Invisível das Divindades

No bojo da Revolução Industrial, nasceu o liberalismo, teoria que se tornou, posteriormente, responsável pela crença na diplomacia, na cooperação e na ideia de que Estados movidos por fluxos cada vez maiores de comércio se condicionariam a viver sob novas regras de conduta internacional (OLIVEIRA e GERALDELLO, 2016). Isso significaria que os Estados se obrigariam a definir seus interesses de modo que a guerra se tornasse menos importante. Ou seja, a medida que o crescimento econômico modificasse a posição dos países no sistema internacional, perceberiam que a guerra seria um modo muito improdutivo de galgar conquistas. (NYE, 2009). Entretanto, como o exemplo do Japão com a criação da “Zona de Coprosperidade para um Extremo Oriente Maior”, em 1930, barreiras econômicas erguidas frente barreiras políticas, podem estabelecer que a posse de um território coincida com oportunidades econômicas.⁷

A guerra é algo inevitável para os personagens de Neil Gaiman (2001). Embora alguns acreditem que as forças do mercado cuidarão de tudo, outros acreditam que a única solução viável para o problema é dizimar os novos deuses.

— Olha, eu não sou o único que se sente assim. Eu chequei com o pessoal na Rádio Moderna, e todos eles concordam que preferem entrar em acordo de maneira pacífica, e os intangíveis estão bem a favor de deixar as forças de mercado darem conta do recado. Estou sendo, você sabe, a voz da razão aqui (GAIMAN, 2001, p. 337).

Uma das formas de encarar a teoria liberalista é por seu viés econômico. A busca pelas próprias realizações e interesses geraria, ao fim e ao cabo, resultados positivos. Isso se deve aos mecanismos de funcionamento da sociedade, tal qual o mercado, denominado de *Mão Invisível* por Adam Smith. A ideia é de que sociedades bem ordenadas tendem a se autorregular e que “vícios individuais sejam transformados em virtudes públicas” (NOGUEIRA e MESSARI, 2005, p. 60).

⁷ Também conhecida como “Esfera de Co-Prosperidade do Grande Leste Asiático”, foi o estabelecimento e a expansão do império japonês na busca por mercados e recursos aos quais o Japão não dispunha, mas que seus vizinhos, como a Coréia, as ilhas de Taiwan, entre outras regiões do Sudoeste asiático, possuíam (NYE, 2009; GONÇALVES, 2010).

A narrativa de Gaiman (2001) traz poucas citações aos “Intangíveis”, criaturas misteriosas, os novos deuses da bolsa de valores. O significado deles se baseia na ideia de que os indivíduos investem mais e de que estes investimentos obsessivos são capazes de manter a ordem. A economia é sua arma e é com ela que moverão o mundo. De acordo com Nye (2009, p. 56), e corroborando a ideia dos Intangíveis, “o comércio pode não impedir a guerra, mas leva a mudanças nas quais os Estados percebem suas oportunidades, o que [...] leva a uma estrutura social [...] menos inclinada à guerra”.

Outro modo de encarar o liberalismo para a análise de *American Gods* envolve, como Nye (2009) e Oliveira e Geraldello (2016) expressaram, perceber que o Estado não é um ator unitário. Existem diversos atores e é preciso considerar a participação deles na tomada de decisão. Como propõe Nye (2009), esse tipo de análise sustenta o contato pessoa a pessoa, que ocorre em diversos níveis, sendo parte do processo de evitar a guerra. Durante a narrativa, Mr. Wednesday convoca uma reunião entre os velhos deuses, pretendendo expor seu repúdio às novas divindades e enfatizar que era momento de reagirem. “*E você vai continuar a aconselhar que a gente espere eles virem no meio da noite pra matar ou levar você embora?*”, diz ele a Mama-ji⁸, diante de todos os deuses na tentativa de convencê-los de que o inimigo era real. Entretanto, parte do plano de Mr. World e dos novos deuses era o contato com possíveis aliados (GAIMAN, 2001, p. 172).

“Contatos fazem os outros parecerem menos estranhos e menos abomináveis”, diz Nye (2009, p. 56) e é com essa premissa que Media, Garoto Tecnológico, os agentes e Mr. World visitaram cada um dos possíveis aliados, dando a eles opções, promessas, atendendo a seus anseios, oferecendo tudo aquilo que lhes poderia agradar e, claro, ameaçando-os o suficiente para que a guerra não fosse sua opção.

— Podemos fazer você famoso, Shadow. Podemos dar a você poder de decisão sobre o que as pessoas acreditam, dizem, vestem e sonham. Você

⁸ Deusa hindu do Tempo, da Criação, do Poder e da Destruição, também chamada de Kali. É representada no livro como uma velhinha de pele escura e meio curvada (GAIMAN, 2001; CAVALCANTE, 2017, texto digital)

quer ser o próximo Cary Grant? Podemos fazer isso acontecer. Podemos transformar você nos próximos Beatles (GAIMAN, 2001, p. 234).

O liberalismo é percebido dentro de *American Gods* a partir do ímpeto de cooperação, mas é preciso ter em mente que não é uma assertiva que Estados liberais não entram em guerra. É fato que a premissa liberal-democrática garante o poder de escolha dos demais envolvidos, percebido durante a reunião com os deuses, onde cada um pôde expor sua opinião e juntar-se ou não a Wednesday. Segundo a ideia proposta por Nye (2009), o que ocorre é uma “escolha contra quem lutar”, ou seja, em geral, democracias não lutam contra democracias porque o povo de uma democracia pode considerar errado lutar contra outro povo democrático quando estes têm o direito de dar sua aprovação (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

American Gods representa esse processo de escolha quando os novos deuses dão a opção aos antigos. Mr. Wednesday não tem uma figura autoritária, como Hitler ou Saddam Hussein, que inspire um debate sobre a legitimidade desta batalha. Portanto, a análise liberal de *American Gods* se sustenta na ideia de um liberalismo cooperativo, onde se acredita que, apesar das buscas individuais durante a narrativa, este egoísmo culmina em um processo de convivência quase agradável. Os velhos deuses voltam ao que chamam de “primavera dos deuses” enquanto que as divindades do cartão de crédito, do dinheiro, da fama, da tecnologia, dos medos e das inseguranças humanas seguem por aí, existindo, convivendo cada qual em seu espaço.

3.3 O Terceiro Grande Debate

A década de 1980 trouxe às Relações Internacionais um novo pensamento, onde as mudanças e o papel das ideias tornou-se temática central da disciplina. Essa nova forma de ver o mundo deu espaço às discussões teóricas que contrariavam os positivistas (AGUILAR e SOCCIO, 2014). São os pós-positivistas que trazem à tona debates com abordagens mais sociológicas na explicação de fenômenos internacionais (DO MONTE, 2013, texto digital).

As abordagens pós-positivistas a serem trabalhadas neste capítulo são o Construtivismo, as Teorias de Gênero e o Pós-colonialismo.

3.3.1 Construtivismo: A Construção Social em *American Gods*

Construtivismo é a teoria que sustenta o papel ativo do sujeito na construção e na modificação das estruturas, desafiando as epistemologias realistas e liberalistas ao dar maior enfoque ao papel das ideias na vida social. Os construtivistas veem as Relações Internacionais, primeiramente, em fatos sociais, existentes através de acordos humanos. Para eles, os indivíduos constroem o mundo; são os principais protagonistas do mundo e este é produto de suas escolhas (BARBOSA, 2010; ADLER, 1999; TOLOSSA, 2004).

A teoria construtivista se volta para o papel das ideias, normas e da cultura ao enfatizar a intersubjetividade da vida social, as chamadas crenças intersubjetivas, que, compartilhadas, definem o interesse dos atores, modificando suas preferências e assim, como propõe Guarnieri (2010), o interesse dos Estados. Quando aplicada à *American Gods*, a teoria construtivista pode ser utilizada como forma de compreender a mudança de paradigma.

O mundo criado por Gaiman (2001) é movido por crenças. Inicialmente, antigos deuses eram um padrão de vida. Acreditar numa divindade, crer que ela proporcionará o bem ou o mal e que ela será a proteção necessária para a sobrevivência. Com o passar do tempo, e da mudança nas necessidades dos indivíduos, surgem novas formas de encarar o mundo. Agora, a necessidade de tecnologia, de uma polícia internacional secreta, dos programas de televisão é muito maior que a necessidade que o deus do trovão proteja os agricultores. Esse papel foi dado à tecnologia.

Conforme Finnemore (1996) elucida, o sistema internacional é composto por valores e interesses e, por conseguinte, confere identidade aos atores, agindo de acordo com o sentido que dão para si mesmos e para os demais. Quando aplicado à

American Gods, percebe-se que esse conceito está atrelado a cada um dos personagens. Os antigos deuses significam-se como criaturas antigas e donas da nova terra, que vieram primeiro, que têm interesses coletivos semelhantes, que precisam garantir sua sobrevivência em meio aos sacrifícios que os indivíduos devem a eles. Para eles, o mundo é formado pela necessidade de proteção e por grupos de aliados que busquem manter os antigos deuses vivos (GAIMAN, 2001; GUARNIERI, 2010; TOLOSSA, 2004).

— Você acreditaria que todos os deuses que as pessoas imaginaram algum dia ainda estão com a gente hoje?

— Talvez.

— E que existem deuses novos por aí, deuses de computadores e de telefones, e do que quer que seja, e que eles parecem achar que não há espaço pros dois tipos no mundo? E que um tipo de guerra está prestes a estourar? (GAIMAN, 2001, p. 260)

A construção de mundo que Mr. Wednesday fornece para seus aliados é a de que, com novos deuses, não há espaço para os antigos. Os velhos deuses constroem um mundo em que eles precisam dominar, um mundo onde não há espaço para divindades diferentes e o surgimento destas configura uma ameaça mortal à sua sobrevivência. Através desta percepção e desta concepção de mundo que Mr. Wednesday propõe que se constrói uma realidade hostil e arriscada para a sobrevivência dos antigos, exigindo deles uma posição mais firme quanto ao avanço destas novas divindades.

As novas divindades, por outro lado, constroem uma sociedade com base na cooperação e na coexistência pacífica. De certa forma, o mundo a ser construído a partir deste tipo de interação, permitiria que todos os deuses vivessem em terras estrangeiras, muito embora prevalecessem os novos deuses. De acordo com Guarnieri (2010), os construtivistas acreditam que o mundo é constantemente construído e reconstruído a partir da interação dos atores e das relações assim estabelecidas. É este mundo socialmente construído que pode ser identificado a partir das perspectivas dos atores em *American Gods*.

A construção do mundo no livro se dá através de uma série de escolhas — de deuses virem, de necessidades, de elementos que se tornam ou não essenciais à

sua sobrevivência — e são estas escolhas que transformam e recriam o mundo que envolve os personagens de Gaiman (2001). Buscando explicar o porquê de um evento ser possível, quais os interesses por detrás destes eventos e que estruturas ideacionais os tornaram possíveis. É esta a questão principal a ser vista dentro de *American Gods*. Quais são as construções sociais trazidas pelos deuses para que o livro culmine no evento da guerra?

Apesar das diversas concepções do construtivismo, esta análise trabalhou com os argumentos de Alexander Wendt, Nicholas Onuf e Martha Finnemore e sua concordância de que a realidade é socialmente construída, embora divergindo quanto aos aspectos dessa realidade subjetiva. Com base nisso, percebe-se que as práticas dos atores, seus discursos e o contexto de normas e regras que definem um contexto político-cultural é o que compõe o sistema internacional (WENDT, 1992; FINNEMORE, 1996; GUARNIERI, 2010).

Aplicando estas ideias a *American Gods*, percebeu-se que o desenvolvimento dos grupos de deuses se dava através dos discursos promovidos por Mr. World e Mr. Wednesday, por suas concepções e seus valores sobre o que é certo ou errado em um cenário político conturbado. Estes discursos enfatizam, de um lado, o poder da batalha como forma de sobrevivência, e do outro, o debate sobre a importância da coexistência. O final do livro construiu-se na narrativa a partir destes elementos, enfatizando que as ideias compartilhadas no decorrer da história foi o que compôs seu final e o que construiu os personagens ao longo de todos os eventos.

3.3.2 Teorias de Gênero: O Papel da Mulher

As teorias de gênero se consolidaram nas Relações Internacionais a partir da década de 1990, quando se passou a questionar a “hegemonia masculina” na política internacional. Quando falamos de gênero nas Relações Internacionais, é importante enfatizar que não falamos de sexo, visto que este conceito trata de uma diferença biológica entre os indivíduos. O gênero, como explicam Santana e Andrade (2016) e Do Monte (2010, p. 8) é a “significação que se dá as diferenças

biológicas”, estando, deste modo, atrelado à interpretação social que constrói essas diferenças.

O texto de Paiva (2014) faz referência ao estudo realizado por Carol Cohn durante a década de 1980. O artigo *Sex and Death in the Rational World of Defense Intellectuals* faz uma análise entre os “intelectuais de defesa” sobre a forma como a linguagem desses intelectuais “sexualiza e sanitiza o tema de armas nucleares” (PAIVA, 2014, p. 40; COHN, 1987). A autora percebe que existe uma espécie de disputa por masculinidade ao longo do processo de análise.

A former pentagon target analyst, in telling me why he thought okay for “limited nuclear war” were ridiculous, said, “Look, you gotta understand that it’s pissing contest — you gotta expect them to use everything they’ve got.” What does this image say? Most obviously, that this is all about competition for manhood, and thus there is tremendous danger. But at the same time, the image diminishes the contest and its outcomes, by representing it as an act of boyish mischief (COHN, 1987, p. 696).

Em *American Gods*, a masculinização de um evento como a guerra é inevitável. Conforme o contexto apresentado no texto de Cohn (1987), os novos e velhos deuses travam um *pissing contest*, termo em inglês que define uma competição masculina sobre quem urina mais e mais longe. A ideia central é demonstrar que a trajetória da guerra entre Mr. World e Mr. Wednesday é pura e simplesmente uma corrida desenfreada na demonstração de quem tem mais poder e as maiores armas.

Essa masculinização se perpetua ao longo do livro através da hierarquização e da representação poderosa de deuses, deixando as deusas com papéis coadjuvantes. Conforme traz Paiva (2014), a análise feminista nas Relações Internacionais acredita que a noção de política vai muito além dos campos de batalha ou da reunião entre Chefes de Estado. “O pessoal é internacional” não é apenas uma frase, mas uma realidade. Relações aparentemente pessoais também são formas de “fazer política” (ENLOE, 1989 apud. PAIVA, 2014). É nesse contexto que o papel de Media deveria ser valorizado.

— Eu sou Media. Prazer em conhecê-los. Espero que consigamos resolver os assuntos desta noite da maneira mais agradável possível. As portas principais se abriram (GAIMAN, 2001, p. 227).

Media, também conhecida por assumir a forma de Lucille Ball, atriz e comedianta norte-americana famosa pelo seriado *I Love Lucy*, é uma personagem coadjuvante, que trabalha à parte ao longo da caminhada de Mr. World. Durante as tentativas de tornar Shadow um aliado dos novos deuses, Media é responsável pelas conversas apaziguadoras. Ela não é apresentada em um papel central e, em diversos momentos, é limitada. O próprio Neil Gaiman, em entrevista ao site “*Metro News*”, admitiu que o livro é uma espécie de “festa da salsicha”, onde o papel das mulheres é reduzido ou praticamente negado (LEWIS, 2017, texto digital).

Existe uma masculinização dos eventos, onde as decisões são tomadas com base no conceito de *pissing contest* proposto por Cohn (1987). A cultura popular é produzida a partir da interação entre seres humanos, do momento em que há a realização de coisas em comum. Personagens como super-heróis ou vilões carregam consigo um forte sentimento de defesa e a necessidade de ter voz para agir por si mesmos ou pelos outros. Esses personagens criam padrões a serem seguidos por aqueles que legitimam sua influência (LINS, 2017; ISQUIERDO, 2012). Considerando isso, o papel da mulher dentro da cultura popular, torna-se essencial à construção de uma nova interpretação social que coloque a mulher em papéis de destaque e poder.

Ao perceber a Media como a representação da fixação e da adoração que as pessoas têm pela televisão e pela mídia em geral — e da forma como são *influenciados* por esta —, Media é uma personagem estupidamente forte, com ampla possibilidade de ser explorada a fundo como parte importantíssima do processo de consolidação dos novos deuses na América. Entretanto, a história não apresenta todo seu potencial e, inclusive, torna-a um fantoche de Mr. World, agindo apenas sob seus comandos. Como disseram Rosemberg e Andrade (2012), a mídia participa da construção dos conceitos e da construção do nosso conhecimento, representando, segundo Fonseca (2011, texto digital), uma forma de poder com

papel extremamente significativo. Trazendo isso ao livro de Gaiman (2001), percebe-se que o autor peca ao apresentar Media com subjetividade e displicência.

Outro forte exemplo do livro que reduz a participação ativa da mulher na esfera política e militar é a forma como Easter, ou Ostara, a deusa do amor, do renascimento e da fertilidade de mitologias consideradas pagãs (anglo-saxã, nórdica e germânica), segundo Belmaia (2016, p. 93), é substituída pela importância do renascimento de Cristo.

— Não, querida. Só queria ver se consegue resolver uma discussãozinha que estamos tendo aqui. Minha amiga e eu discordamos a respeito do significado da palavra "Easter", quer dizer, "Páscoa". Será que você sabe o que quer dizer?

A garota olhava para ele como se sapos verdes saíssem de seus lábios. Então, disse:

— Não sei nada a respeito dessas coisas católicas. Sou pagã. A mulher atrás do balcão disse:

— Acho que é a palavra em Latim, ou qualquer coisa dessas, que significa "Jesus se reergueu".

— É mesmo? — disse Wednesday.

— É, com certeza. Easter. Do mesmo jeito que o sol se levanta ao Leste, sabe (GAIMAN, 2001, p. 97).

A imagem de Easter é de uma mulher reclusa. Embora poderosa, permanece à margem da imagem das versões de Jesus para poder sobreviver. No enredo de *American Gods*, Easter recebe a visita de Mr. Wednesday para que se junte à causa dos antigos deuses e participe da guerra. Ao longo da narrativa, é o primeiro, e único, momento em que uma mulher é tratada com maior igualdade.

— Precisamos de você, da sua energia. Precisamos do seu poder. Você vai lutar do nosso lado quando a tempestade chegar? (GAIMAN, 2001, p. 99).

A partir disto, percebe-se que há uma “quebra” das simbologias propostas pelas teorias de gênero. Conforme o texto de Lopes (2006, p. 14), a simbologia mais associada aos conflitos sustenta-se na proposta realista de segurança internacional: “a imagem de um soldado (homem) cuja função é proteger a nação e seus compatriotas indefesos (mulheres e crianças)”. Os valores tradicionalmente associados à ideia de masculinidade estão inseridos na análise internacional de tal forma que a capacidade das mulheres como agentes de sua própria proteção é constantemente desvalorizada.

Ann Tickner (1995, p. 192; 2005) questionou essa relação entre protetor e protegido, uma vez que a visão da mulher é como uma vítima sem capacidade de agir, um “cidadão de segunda classe”, afirmando que “ao examinarmos como essas identidades políticas são construídas em termos de desigualdade de gênero”, consegue-se compreender como estas relações de dominação e subordinação ocorrem.

Aplicar uma abordagem de gênero a um livro como *American Gods* demonstra que existe a necessidade de compreender melhor o objetivo das teorias de gênero, que, de acordo com Lopes (2006), é o da emancipação humana. É preciso reconhecer a subjetividade para que, de fato, o pesquisador aumente sua objetividade na pesquisa. As teorias de gênero se preocupam em superar estas estruturas que desvalorizam a experiência feminina e *American Gods* é um bom exemplo do modo como o papel da mulher é subordinado à proteção que a força, a coragem e a responsabilidade masculina trazem ao suprimir sentimentos de medo, vulnerabilidade e compaixão (TICKNER, 1992, p. 45).

3.3.3 Pós-Colonialismo: O Legado dos Novos Deuses

Pós-colonialismo é o termo designado para se referir aos “países de Terceiro Mundo”, agora livres da dominação europeia, e tratar dos resquícios deixados por estes processos de dominação (PRYTHON, 2004; CHOWDHRY e NAIR, 2002). *American Gods* traz, em diversos momentos, pequenos trechos denominados de “Chegando à América”, que retratam a chegada dos deuses em terras americanas. Tais trechos exaltam a forma como estes deuses recém-chegados “conquistaram” uma legião de adoradores e mantiveram seus poderes (GAIMAN, 2001).

Como ressaltam Elíbio Júnior e Almeida (2013), o pós-colonialismo não quer, necessariamente, dizer o fim do colonialismo como um todo, apenas como uma relação política. A mentalidade e a sociabilidade autoritária e discriminatória ainda se fazem presentes, encarado, conforme propôs Grovogui (2002; 2013) ao analisar as

ideias de Said (2007), como uma “guerra contra terroristas pré-determinados com crenças e inclinações identificadas”.

Uma possível análise deste ponto trazido por Grovogui (2002; 2013) é essa guerra entre diferentes ideais. *American Gods* é um livro composto por uma série de significâncias trazidas por Gaiman (2001) e são estas que nos permitem perceber como o pós-colonialismo se encaixa sob as circunstâncias da narrativa. Ao serem trazidos à América por migrantes ou escravos, os antigos deuses tornaram-na sua nova terra. Com a ascensão de um novo grupo de deuses, a necessidade de controlá-los e de trazer de volta seu imperialismo faz com que Mr. Wednesday não aceite que uma nova forma de poder assuma seu lugar ou que ela se rebelde contra sua autoridade. Mesmo os esforços de cooperação e acordos são um insucesso pela necessidade que os antigos deuses possuem de garantir sua hegemonia (GALINDO E RORIZ, 2015; SPIVAK, 1993; ELÍBIO JÚNIOR e ALMEIDA, 2013).

Mr. Wednesday é a representação de Odin, o pai de todos, e conhecido deus da mitologia nórdica por todos os seus atributos. Foi um dos primeiros na nova terra e fez dela seu reino. Para ele, sempre foi e sempre será uma hierarquia que antigos deuses permaneçam na posição dominante enquanto que os novos deuses acatem a “realidade global” e aceitem que o lugar deles seja subjugado ao poder dos antigos. Gaiman (2001) traz Odin como um deus orgulhoso, que não gosta da ideia de estar sendo substituído, de sua existência entrar em decadência e de a América não ser mais seu lar.

— Quando as pessoas vieram pros Estados Unidos, elas nos trouxeram junto. Trouxeram eu, Loki e Thor, Anansi e o Deus-Leão, Leprechauns e Kobolds e Banshees, Kubera e Frau Holie e Ashtaroth, e trouxeram vocês. Viemos até aqui na cabeça dessa gente e criamos raízes. Viajamos com os colonizadores pro Novo Continente do outro lado do oceano. A terra é vasta. Mas o tempo passou e nosso povo nos abandonou, lembrando de nós apenas como criaturas do Velho Continente, como coisas que não tinham vindo com elas pro Novo. Quem acreditava verdadeiramente em nós morreu, ou parou de acreditar, e fomos abandonados, ficamos perdidos, assustados e sem posses, vivendo de migalhas de adoração e de crença que podíamos encontrar. E fomos sobrevivendo da melhor maneira possível. Então foi isso que fizemos, sobrevivemos à margem das coisas, onde ninguém prestava muita atenção em nós. Hoje temos, vamos admitir, pouca influencia. Fazemos das pessoas nossas presas, tiramos delas e sobrevivemos; nós nos despimos e nos prostituímos e bebemos demais. Pegamos gasolina, roubamos, trapaceamos e existimos nas fendas das

margens da sociedade. Somos deuses antigos, aqui neste Novo Continente sem deuses (GAIMAN, 2001, p. 54-55).

Quando Spivak (1993) colocou a questão de *Can the subaltern speak?*, ela se referia justamente aos grupos marginalizados e ao potencial que estes grupos possuem para a subversão da subalternidade. Nesse momento, percebe-se que a teoria pós-colonialista aplica-se à *American Gods* na análise do desenvolvimento destes novos deuses. Tem-se, portanto, a crença cega de Mr. Wednesday a respeito da necessidade de impor suas crenças aos novos deuses e estabelecer uma existência fundamentada em sacrifícios e oferendas, mantendo assim, a supremacia dos antigos (GALINDO e RORIZ, 2015). Estes novos deuses, no entanto, encontraram novas formas de “sacrifício”, como o tempo e o dinheiro, mantendo a relação de colonialismo, mas ainda assim, revertendo esse processo de subalternidade e tornando-se o *Outro* de seus colonizadores, conforme propõem Elíbio Júnior e Almeida (2013, p. 8).

O ato de tornar-se o *outro* é o ato de questionar a política da representação. O pós-colonialismo, como proposto pelo professor Ilan Kapoor em entrevista ao seminário “Descolonizando as Relações Internacionais: Contribuições dos Estudos Pós-coloniais” realizado pelo Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, tende a desconfiar de explicações marxistas que privilegiam uma economia particular, ou seja, o capitalismo desenvolvido na Europa. De acordo com Kapoor, “o problema é que eles tendem a universalizar essa narrativa para o resto do mundo, então o Terceiro Mundo tem a intenção de olhar para a Europa para copiá-la, imitá-la e assim por diante” (IRI, 2014, texto digital; KAPOOR, 2008).

A intensão dos discursos pós-coloniais seria o de demonstrar que os eventos na Europa ocorrem em um determinado momento, por razões particulares e se limitam ao serem aplicados ao restante do mundo. Replicar este tipo de evento é muito difícil quando consideradas as diferentes circunstâncias nas quais cada Estado se insere (KAPOOR, 2008; IRI, 2014, texto digital; GALINDO e RORIZ, 2015). Este é o contínuo discurso de Mr. World. Os eventos nos quais os novos deuses querem sua independência fundamentam-se na ideia de que a forma como os antigos deuses se instalaram, comandaram e sobreviveram não é válida às novas

divindades, não se aplica ao momento econômico, político, social e tecnológico no qual vivem.

Sendo assim, o debate pós-colonial insere-se nestes novos conflitos que surgem dessa relação entre a “elite e o subalterno”. Conforme acrescenta Kapoor, o pós-colonialismo é uma discussão que vai além das questões geográficas, tratando inclusive de como as elites e suas instituições impõem “sua vontade e suas representações ao resto do mundo, especialmente em grupos subalternos, que, por sua vez, tentam resistir, desafiar, sequestrar o poder das elites ou do Estado” (IRI, 2014, texto digital; KAPOOR, 2008).

O grupo subalterno, tido em *American Gods* como os novos deuses, desafia a vontade dos antigos deuses ao transformar a forma como vivem. A ascensão de novas formas de poder faz com que esse imperialismo exercido pelos primeiros deuses na América desvaneça lentamente à medida que os novos deuses resistem a estes e desafiam suas práticas.

4 O SISTEMA INTERNACIONAL DENTRO DE *AMERICAN GODS*

O capítulo anterior trouxe à tona perspectivas teóricas das Relações Internacionais aplicadas ao livro de Neil Gaiman. O comparativo demonstra que elementos ficcionais, próprios da cultura popular, quando aplicados às Relações Internacionais, oferecem maior clareza à compreensão dos elementos essenciais à disciplina. Conforme citou Weber (2001, p. 283), há uma exigência maior por perguntas mais práticas que abstratas, que retratem a aplicabilidade das teorias. Quando se aproxima as Relações Internacionais dos elementos de cultura popular, sejam estes livros, filmes, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, vemos, sentimos e experimentamos as “Relações Internacionais incorporadas às práticas institucionais, culturais e discursivas cotidianas semelhantes às dos filmes”. Dessa forma, percebe-se que as Relações Internacionais não estão “nem acima e muito menos além” das práticas cotidianas, sejam elas culturais ou políticas (WEBER, 2001, p. 286; HOLLAND, 2015).

Considerando a conexão entre a aplicação e a compreensão crítica realizada ao longo da análise de *American Gods*, propõem-se, neste capítulo, relacionar o ambiente do livro a algumas características contemporâneas do sistema internacional. Tratam-se das ideias de globalização, vigilância e sociedade em redes.

4.1 Mr. World e a Globalização da Vigilância

American Gods tem, como pano de fundo, a guerra entre os antigos deuses e os deuses em ascensão. Os novos deuses foram caracterizados pelo autor como derivações de um tipo específico de inovação. Com o fim da Guerra Fria, da bipolaridade internacional, houve um aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política, provocando uma mudança radical no mundo todo. Essa liberalização, exigiu dos Estados políticas e práticas que se adequassem a esta nova ordem mundial. É nesse ponto que se encontra Mr. World, ou Low Key Lyesmith ou, ainda, Loki, personagem criado como forma de representar o avanço da globalização, dos sistemas de espionagem e das teorias de conspiração (CORAZZA, 1997; DIAZ, 2016; GAIMAN, 2001).

Transformado em uma figura taciturna e sem muita definição, Mr. World nos deixa em dúvida sobre o que ele é ao longo da narrativa. É um processo ou uma corporação? É um homem ou vários? Suas aparições são sempre sombrias, apesar de curtas, e demonstra saber tudo e registrar tudo, como um banco de dados infinito, sugerindo sua ligação com dados e vigilância em massa que muitas corporações utilizam na Internet, como relatam Fuchs e Trottier (2016). A evolução da internet foi chamada por Ithiel de Sola Pool (1983) de “tecnologia da liberdade”, mas Nye (2002) acreditava que era uma força poderosa que os governos detinham para exercerem seu controle sobre a população (GAIMAN, 2001; PINHEIRO e PAIT, 2013; DIAZ, 2016).

A forma como se introduz o personagem de Mr. World ao longo da narrativa faz com que ele não tenha um retrato específico, fazendo jus ao fato de representar teorias de conspiração. Além disso, o personagem ainda conta com a ajuda de quatro “agentes”: Mr. Wood, Mr. Stone, Mr. Road e Mr. Town (GAIMAN, 2001). Estes quatro “agentes” buscam encontrar Shadow e Mr. Wednesday ao longo de toda a jornada, sob as ordens precisas de Mr. World, que conhece cada passo dos dois.

Considerando estes momentos da narrativa, o texto de Diaz (2016) traz o termo “globalização da vigilância” como forma de um exercício de poder global e geopolítico, que faz uso de “bolhas informacionais e tecnológicas”, utilizando-se de velhas táticas sob novos métodos. Isso pode ser muito bem percebido no discurso de Bush após o atentado de 11 de setembro: “os Estados Unidos iam se lançar em um novo tipo de guerra, uma guerra que requer de nossa parte uma caça ao homem internacional” (CHAMAYOU, 2014).

A busca pelo “homem internacional” faz uso indiscriminado de dados e de métodos de vigilância que ferem, de alguma forma, a privacidade de cada indivíduo. Desde os dados vazados por Snowden até a suposta utilização da plataforma Facebook na campanha do presidente americano Donald Trump (LYON, 2016; BBC NEWS, 2018), tudo é informação, tudo é dado e faz parte da “globalização da vigilância”, onde a informação é agora um produto. Mr. World representa muito bem esse papel junto de seus “agentes”.

Gaiman (2001) pode ter escrito uma narrativa fantástica, com personagens mirabolantes em muitos aspectos, mas não escreveu uma obra sem sentido. Analisar *American Gods* é perceber que a significação que o autor dá aos personagens é muito próxima da nossa realidade. A internet ascende todos os dias como um elemento essencial na construção da vida humana. Proliferam-se agências de vigilância, a utilização de corrupções ideológicas, de patriotismo quase fanático e de discursos que testificam a utilização de métodos extremos de segurança e defesa (DIAZ, 2016).

Mr. World nada mais é do que o avanço destes elementos, que o desenvolvimento obscuro e sem nome da privação da liberdade e de uma guerra sem fronteiras muito mais refinada e institucionalizada, como propõem Pinheiro e Pait (2013) e Diaz (2016). Essa utilização de plataformas e estratégias ainda não totalmente reveladas e essa “engenharia social do terror” criam uma guerra sigilosa que se torna o principal componente da geopolítica contemporânea, sustentada pela doutrina antiterrorista dos Estados Unidos e firmemente delineada nos traços obscuros e enigmáticos de Mr. World.

4.2 A Sociedade em Rede

Em concordância com a perspectiva construtivista das Relações Internacionais, considera-se que a construção da política externa de um país é uma forma de um Estado construir sua identidade. Essa perspectiva é proposta por Mesquita e Medeiros (2016) ao tratar da mídia como um elemento de construção da identidade e das relações de um Estado, além de meio de formulação de política e de influência sobre os demais.

O intenso fluxo de informações e o intercâmbio de ideias criou uma cultura de massa disseminada pela tecnologia e pela internet, ampliando as fronteiras dos países e transformando os formuladores de política externa. Não são apenas os agentes do governo que praticam política. O mundo, interligado, trouxe consigo o que Burity (2013) chama de paradiplomacia: a união de novas formas de política externa praticadas pela sociedade civil, pelas administrações estaduais e municipais e pela imprensa. A intensificação da utilização dos meios de comunicação nas decisões, planejamentos e propagandas estatais foi denominado de “diplomacia midiática” (GILBOA, 1987; 2001).

Eytan Gilboa (2001, p. 6) definiu diplomacia midiática como “uma comunicação direta com os povos estrangeiros, com o objetivo de afetar o seu pensamento e, em última instância, de seus governos”. Media é uma representação minuciosa da tentativa da comunicação em massa de influenciar seus telespectadores em suas interpretações. Quando ela aparece para Shadow, insinuando que ele teria tudo aquilo que quisesse se seus ideais coincidisse com aqueles propostos pelos novos deuses, a diplomacia estava ocorrendo (GAIMAN, 2001). Enquanto que o Garoto Tecnológico detém a aquisição e o armazenamento das informações, visto que ele representa a internet, Media conta com o poder de processar e distribuir estas informações.

Quando aplicamos esta simples representação ao mundo real, podemos perceber que o poder midiático manipula informações. É uma simples questão de

interpretação, avaliando o que diferentes veículos de informação expressam. Essas características não tiraram o poder do Estado, muito pelo contrário, conforme explica Valente (2007). Os Estados passaram a utilizar essa Sociedade em Rede como instrumento de política externa, “numa tentativa de ampliar suas capacidades de êxito no jogo de poder internacional” (BURITY, 2013, p. 168).

Este tipo de elemento foi definido por Joseph Nye como *soft power*. Caracterizado como a utilização de recursos intangíveis, uma habilidade de conquista baseada na atração ao invés da coerção, *soft power* é difícil de ser percebido. Alguns exemplos estão no desenvolvimento econômico dos países, no conhecimento, no desenvolvimento tecnológico, ideológico e cultural dos Estados (GILBOA, 2001; VALENTE, 2007; AMARAL, 2011). “Nye observou que este poder poderia ser conquistado por meio de relações com aliados, da atividade cultural de um país, de seus ideais políticos e suas políticas”, escreve Amaral (2011, p. 27), estabelecendo uma relação distinta entre o papel de Media e a ampliação do conceito de diplomacia midiática.

A teoria da interdependência complexa desenvolvida por Robert Keohane e Joseph Nye (1989) ofereceu aos debates o alargamento das estruturas de análise para que estas abrangessem as novas questões que surgem diante desta Sociedade em Rede. Percebe-se, então, que o desenvolvimento da mídia não fez com que os Estados enfraquecessem e perdessem sua soberania. O que ocorre, de fato, é uma adaptação aos novos meios, conforme Burity (2013, p. 170), “usando seu peso como instrumento em prol de seus objetivos e interesses” (VALENTE, 2007).

De que forma, então, os Estados fazem uso desse elemento para exporem suas políticas? Como os meios de comunicação passaram a se tornar uma ferramenta de negociação? A diplomacia da mídia é um dos recursos contemporâneos menos estudados e que tem se mostrado cada vez mais importante dentro do contexto de diplomacia e das ações dos Estados.

4.3 Conclusões Parciais

Assumindo uma crescente centralidade e uma importante dimensão na compreensão de questões que permeiam as Relações Internacionais, cultura popular, incorporada às Relações Internacionais, precisa ir além de uma ilustração da política mundial. Conforme afirmam Grayson, Davies e Philpott (2009, p. 156), é preciso “investigar as possibilidades e os limites políticos das políticas produzidas e/ou moldadas pela cultura popular”. As personificações de Media e Mr. World são apenas algumas das demonstrações do livro de Gaiman (2001) sobre como figuras literárias podem servir de base para estudos aprofundados sobre questões pertinentes às Relações Internacionais.

É importante ressaltar o crescimento contínuo da produção e da circulação de cultura popular e, conforme citam Grayson, Davies e Philpott (2009) e Ruane e James (2008), a forma como essa cultura faz da política mundial o que ela é atualmente. Entretanto, faz-se necessário enfatizar que estes elementos não devem ser tratados apenas como uma superestrutura que visa refletir uma base política. É preciso vê-los como a “antropologia filosófica da vida cotidiana em escala global” (CAMPBELL, 1996, p. 24).

Quase sempre vinculadas à política internacional, histórias fictícias possuem grande valor se associadas às leituras básicas das disciplinas de Relações Internacionais. Os exemplos citados não apenas sugerem a eficácia e a importância da utilização de elementos que promovam maior familiaridade, mas também demonstram que cultura popular pode se tornar um elemento importante para que novos questionamentos acerca de política, cultura, segurança e poder surjam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta monografia, buscou-se elaborar uma análise crítica a respeito do livro *American Gods*, escrito por Neil Gaiman. A análise levou em consideração os eventos do livro numa reflexão sobre o sistema internacional contemporâneo. Fazendo uso de cultura popular, a monografia averiguou se o uso de mundos fantasiosos e personagens fictícios poderia complementar o ensino diante das temáticas propostas pelas teorias das Relações Internacionais e se, de fato, essa aprendizagem poderia ser aplicada aos eventos que permeiam o cenário internacional. A pergunta problema, “o cenário do livro *American Gods*, de Neil Gaiman, analisado através das teorias das Relações Internacionais, reflete, de alguma forma, o cenário atual do sistema internacional?”, é respondida ao longo do segundo e terceiro capítulo, em especial ao estabelecer uma conexão entre a fantasia e a realidade.

Durante o primeiro capítulo, realizou-se uma revisão teórica dos conceitos e teorias aplicadas ao contexto criado por Neil Gaiman. Procurou-se apresentar as teorias e, juntamente, uma análise da utilização da cultura popular como fonte de ensino e aprendizagem. É importante ressaltar a evidência da necessidade de novas metodologias de ensino, considerando as referências utilizadas para esta monografia, ao constatar-se que a aproximação da teoria com elementos familiares aos alunos expande debates de sala de aula e provoca o aprofundamento de questões relacionadas ao estudo das Relações Internacionais. Isso se deve à valorização das experiências culturais que podem ser obtidas a partir destes elementos.

O segundo capítulo caracterizou-se pela análise da aplicabilidade das teorias à *American Gods*. O processo demonstrou que algumas teorias podem ser melhor aplicadas do que outras, como é o caso do Realismo e das Teorias de Gênero. O livro de Gaiman (2001) mostrou-se uma obra complexa, cheia de significados, apresentando personagens marcantes e diferentes, representações das necessidades dos americanos, de suas obsessões. Embora voltado ao território norte-americano, a obra não pode ser descartada como forma de analisar a sociedade contemporânea.

A intenção desta análise baseia-se na ideia de que cultura popular e ensino podem andar juntas. A combinação destes elementos proporciona, quem sabe, um ambiente mais seguro para interpretações, especialmente no tocante à compreensão do aluno. Assim como se constatou no texto de Weber (2001), o ato de incentivar a interpretação provocou uma mudança na forma como os alunos se posicionam diante das perguntas. O pensamento crítico, desenvolvido através de cultura e de experiências do dia-a-dia, demonstrou-se uma forma eficaz de incentivar habilidades de questionamento, especialmente sobre as “verdades absolutas” das sociedades contemporâneas. O fato de haver proximidade com aquilo que questionavam demonstrou que há maior engajamento em discussões críticas propostas pela disciplina.

A aplicabilidade da cultura popular diante das Relações Internacionais é real. Elementos cotidianos, que facilitam interpretações e que aproximam realidades, são excelentes materiais de apoio e, talvez, até mesmo leituras fundamentais. O fato de *American Gods* retratar estas teorias enfatiza a necessidade que as metodologias tradicionais têm de serem revistas. A arte de ensinar não se resume a um monólogo envolto em textos arcaicos e conceitos impossíveis, embora existam casos nos quais estes métodos são plenamente satisfatórios. As Relações Internacionais, por si só, já são complicadas e, se existem elementos que podem torná-las muito mais acessíveis, é impossível não surgirem questionamentos acerca da não utilização destes elementos.

É com base nesse questionamento que se insere o terceiro e último capítulo. Intitulado de “O Sistema Internacional dentro de *American Gods*”, é exatamente o que o título preconiza. A intenção foi estabelecer uma ponte entre o livro e o sistema internacional, suas mudanças e seus atores. Neste capítulo, percebeu-se a importância da obra, aplicando seus personagens aos elementos que eles supostamente representam.

Constatou-se que as figuras de Mr. World e Media, utilizadas no desenvolvimento do capítulo, representam questões pertinentes à compreensão do sistema internacional, conferindo poder à cultura popular como elemento de ensino. A relação entre *American Gods* e os sistemas de vigilância se torna evidente devido à forma como Gaiman (2001) delineou o personagem. Estabelecer essa ligação facilita aos alunos perceber que este tipo de elemento é uma constante nas relações entre os Estados. Trazido pela globalização, sistemas de espionagem, assim como a internet e as teorias da conspiração, são parte do relacionamento entre os Estados e, dessa forma, componentes das Relações Internacionais. Vistos como algo distante, quando aproximados dos alunos, tornam-se menos “impossíveis”, revelando que personagens podem representar diferentes questões dentro dos estudos de Relações Internacionais.

Media é outra personagem essencial para a compreensão da interação entre os Estados. A mídia é uma das formas de *soft power* utilizadas pelos Estados. Enquanto componente importante do mundo contemporâneo, é usada contra ou a favor das necessidades dos países e, portanto, outro componente essencial das Relações Internacionais. Além disso, ao considerarmos o conteúdo deste trabalho, percebe-se que cultura popular também é um meio pelo qual os Estados fazem política. Desta forma, é inegável o valor de elementos ficcionais como uma forma de transformar metodologias de ensino e de provocar a interpretação e a discussão dos alunos. São estas representações tão presentes em seus cotidianos que atraem sua atenção aos debates, que os provoca a procurarem significados e interpretações, a validar suas ideias através de um personagem e procurar seu semelhante no mundo real.

Nesse sentido, conclui-se que cultura popular é um elemento de aproximação entre teoria e realidade, que pode servir de incentivador ao aluno para tornar-se um interprete ativo e um melhor pesquisador de seu mundo. Percebe-se, com base na bibliografia consultada, que a utilização de cultura popular pode impulsionar debates, a interpretação e a valorização do conhecimento que pode ser adquirido a partir destas experiências culturais. Ao interpretar uma realidade alternativa, o aluno pode vir a se tornar capaz de aplicar isso ao mundo no qual vive, estabelecendo conexões e rompendo práticas discentes cotidianas, valorizando métodos criativos de ensino e a interdisciplinaridade das Relações Internacionais

REFERÊNCIAS

- ADLER, Emanuel. "O construtivismo no estudo das relações internacionais". **Lua Nova**, n. 47, p. 201-246, 1999.
- AGUILAR, Aleksander; SOCCIO, Carolina. A Análise do Discurso na perspectiva Pós-colonial: uma via para a descolonização. In: 2 Seminário de Graduação e Pós-graduação de Relações Internacionais, 2014, João Pessoa. Anais Eletrônicos do 2 Seminário de Graduação e Pós-graduação de Relações Internacionais, 2014.
- ALTHUSSER, Louis. **Lenin and Philosophy and Other Essays**. New York: Monthly Review Press, 2001.
- AMARAL, Lilian A. **A influência da Mídia na Política Externa dos Países**, 2011, 61 f. Monografia (Graduação) – Curso de Especialização em Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ANDRADE, Regis C. "Kant: a liberdade, o indivíduo e a república". In: WEFFORT, Francisco C. (Org.) **Os clássicos da política II**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 47-101.
- BARBOSA, Gabriela G. O construtivismo e suas versões no Estudo das Relações Internacionais. In: V Congresso latino-americano de Ciência Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires, 2010.
- BAYLIS, John; SMITH, Steve; OWENS, Patricia. **The globalization of World Politics: An introduction to International Relations**. 5. ed. New York: Oxford University Press, 2011.
- BELMAIA, Nathany A. W. "De Eostre a Easter: Ressignificação de um culto pagão na Inglaterra Medieval?", **Tempos Históricos**, v. 20, (s.n.), p. 89, 116, 2016.

- BRAGA, Nathalia R.C.F. "Perspectivas positivistas e pós positivistas nas Relações Internacionais: as divergências epistemológicas levariam a distinções em seu modo de fazer ciência?", **Pólemos**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 58-68, 2013
- BURITY, Caroline R. T. "A Influência da mídia nas Relações Internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática". **Contemporânea**, v. 1, n. 21, p. 166-179, 2013.
- CAMPBELL, David. "Political Prosaics: Transversal Politics and the Anarchical World". In: SHAPIRO, Michael J.; ALKER, Hayward R. **Challenging Boundaries: Global Flows and Territorial Identities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 7-32.
- CAMPBELL, Hayley. **A arte de Neil Gaiman**. São Paulo: Mythos, 2015.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 1995
- CARR, Edward H. **Vinte Anos de Crise: 1919-1939**. Uma Introdução ao Estudo das Relações Internacionais. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- CAVALCANTE, Felipe. "7 Deidades que devem aparecer em Deuses Americanos". **Co-op geeks**, 2017. Disponível em: < <http://www.coopgeeks.com.br/2017/07/7-deidades-que-devem-aparecer-em-deuses.html> >. Acesso em: 02 mai. 2017.
- CHAGAS, Isabel. Literacia Científica: O Grande desafio para a Escola. In: Atas do 1.º Encontro Nacional de Investigação e Formação, Globalização e Desenvolvimento Profissional do Professor. Lisboa: Escola Superior de Educação. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/ticc/literacia%20cientifica.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- CHAMAYOU, G. **Teoria do Drone**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. p. 30.
- CHEMIN, Beatriz F. **Manual da Univates para Trabalhos Acadêmicos: Planejamento, elaboração e apresentação**. 2. ed. Lajeado: Editora da Univates, 2012.
- CHOWDHRY, Geeta; NAIR, Sheila. "Introduction: Power in a postcolonial world: race, gender, and class in international relations". In: _____. **Power, postcolonialism and international relations: Reading race, gender and class**. London: Routledge, 2002, p. 1-32.
- COHN, Carol. "Sex and Death in the Rational World of Defense Intellectuals". **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 12, n. 2, p. 687-718, 1987.

CORAZZA, Gentil. “Globalização: Realidade e Utopia”. **Revista Análise Econômica**, v. 15, n. 27, 1997.

DAGIOS, Magnus. As insuficiências do neorrealismo nas Relações Internacionais.

In: Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, 7., 2011, Porto Alegre.

Anais... Porto Alegre, 2011, 11 p. Disponível em: <

http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/edicao7/Magnus_Dagios.pdf

> Acesso em: 06 out. 2017.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DIAZ, Pedro V. Geopolítica da Vigilância: Globalização e Guerra Híbridas. In: IX Simpósio Nacional de ABCiber, 2016, São Paulo. Anais do IX Simpósio Nacional de ABCiber. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016, p. 1-9.

DO MONTE, Izadora X. “O debate e os debates: abordagens feministas para as Relações Internacionais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 221, n. 1, p. 59-80, 2013.

DO MONTE, Izadora X. **Gênero e Relações Internacionais: uma crítica ao discurso tradicional de segurança**. 2010, 146 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

DREZNER, Daniel W. **Theories of International Politics and Zombies**. New Jersey: Princeton University Press, 2014.

DUARTE, A. Foucault e a Governamentalidade: Genealogia do Liberalismo e do Estado Moderno. In: BRANCO, Guilherme C.; VEIGA-NETO, Alfredo (org.)

Foucault: Filosofia e política. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 53-69.

DURING, Simon. **Cultural Studies: A critical Introduction**. Routledge: New York, 2005.

ELÍBIO JÚNIOR, Antônio M.; ALMEIDA, Carolina S. Di M. “Epistemologias do Sul: pós-colonialismos e os estudos das Relações Internacionais”. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 14, p. 5-11, 2013.

FINNEMORE, Martha. **National Interest in International Society (Cornell Studies in Political Economy)**. New York: Cornell University Press, 1996.

FONSECA, Francisco. “Mídia, Poder e Democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, 2011.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003>. Acesso em: 2 abr. 2018.

- FUCHS, Christian; TROTTIER, Daniel. "Internet Surveillance after Snowden: A critical Empirical" Study of Computer Expert's Attitudes on Commercial and State Surveillance of the Internet and Social Media post-Edward Snowden". **Journal of Information, Communication & Ethics in Society**, v. 15, n. 4, p. 412-444, 2016.
- FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: Basic Books, 1992.
- GAIMAN, Neil. **American Gods**. Nova Iorque: William Morrow and Company, 2001.
- GALINDO, George R. B.; RORIZ, João H. R. Da teoria à política: a perspectiva pós-colonial nos estudos de Relações Internacionais e Direito Internacional. In: 5o. Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2015, Belo Horizonte. Anais do 5o. Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2015. v. 1. p. 1-17.
- GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. E-book. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> > Acesso em: 14 mai. 2018.
- GIBERTS, Marie V. "Using Elements of Popular Culture to teach Africa's International Relations". **Politics**, v. 36, n. 4, p. 495-507, 2016.
- GILBOA, Eytan. "Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects". **Diplomacy and Statecraft**, v. 12, n. 2, p. 1-28, 2001.
- GILBOA, Eytan. **American public opinion toward Israel and Arab-Israeli conflict**. Lexington: Lexington Books, 1987.
- GILPIN, Robert. **The Political Economy of International Relations**. New Jersey: Princeton University Press, 1987.
- GODOY, Arilda S. "Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades". **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57, 63, 1995.
- GONÇALVES, Ronaldo P. "O Japão na Conjuntura Internacional de 1930-1940". **Faz Ciência**, v. 12, n. 16, p. 199-222, 2010.
- GONZALEZ, George A. **The Absolute and Star Trek**. 2. ed. Miami: Palgrave Macmillan, 2016.
- GRAYSON, Kyle; MATT Davies; SIMON Philpott. "Pop Goes IR? Researching the Popular Culture-World Politics Continuum". **Politics**, v. 29, n. 3, p. 155-163, 2009.

GROVOGUI, Siba N. "Postcolonial criticism: international reality and modes of inquiry". In: CHOWDHRY, Geeta; NAIR, Sheila. **Power, Postcolonialism and International Relations: Reading race, gender and class**. Londres: Routledge, 2002, p. 33-55.

GROVOGUI, Siba N. "Postcolonialism". In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. **International Relations Theories: Discipline and Diversity**. 3ª ed., Oxford: Oxford University Press, 2013.

GUARNIERI, Tathiana H. "*La construction européenne: uma leitura construtivista da integração europeia*". **Revista Ética e Filosofia política**, v. 2, n. 12, p. 249-267, 2010.

HALL, Stuart. "Cultural Studies: Two Paradigms". **Media, Culture and Society**, v. 2, n. 1, p. 57-72, 1980.

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change**. Oxford: Blackwell Publishing, 1989.

HERZ, Mônica. "Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria". **Dados**, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200006 > Acesso em: 12 fev. 2018.

HOLLAND, Jack. "Visual Literacy in International Relations: Teaching Critical Evaluative Skills through Fictional Television". **International Studies Perspectives**, v. 17, n. 2, p. 173-186, 2016.

IRI – Instituto de Relações Internacionais. "Interview With Professor Ilan Kapoor". In: *Descolonizando as Relações Internacionais: Contribuições de Estudos Pós-coloniais*, 2013. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.iri.puc-rio.br/en.php/new/show/109>> Acesso em 18 abr. 2018.

ISQUIERDO, Larissa B. **Pensando o gênero nas relações internacionais**. Curitiba: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2012.

KAPOOR, Ilan. **The Postcolonial Politics of Development**. New York: Routledge, 2008.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAPID, Yosef. "The Third Debate: On the prospects of International Theory in a Post-Positivist Era". **International Studies Quarterly**, v. 33, n. 3, p. 235-254, 1989.

LEWIS, Rebecca. "11 things you need to know about American Gods from Ricky Wittle, Ian McShane and Emily Browning". **Metro News**, 2017. Disponível em: <<http://metro.co.uk/2017/04/07/11-things-you-need-to-know-about-american-gods-from-ricky-whittle-ian-mcshane-and-emily-browning-6560430/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LIMA, Débora H. F. **Literatura e Relações Internacionais: a agência feminina através do véu em neve, de Orhan Pamuk**. 2016, 44 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LINS, João M. "Os super-heróis nas Relações Internacionais". **Pano de Fundo**, v. 9, n. 3, p. 30-31, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.br/bitstream/123456789/797/1/v-9%2C-n-3%2C-2017-30-31-ok.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

LIVINGSTONE, Sonia. "The Changing Nature and Uses of Media Literacy". In: GILL, Rosalind; PRATT, Andy; RANTANEN, Terhi; COULDRY, Nick. (Org.) **MEDIA@LSE Eletronic Working Papers**, 2003. p. 1-31.

LOPES, Luara L.A. "Identidade e Exclusão: a abordagem feminista das Relações Internacionais". In: 30º Encontro Anual da ANPOCS, 2006, Caxambu. Anais do 30º Encontro Anual ANPOCS, 2006.

MACEDO, Isabel; CABECINHAS, Rosa. "Representações Sociais, Migrações e Media: Reflexões em Torno do papel da Literacia Cinematográfica na promoção da Interculturalidade". In: Sobre Comunicação e Cultura: I Jornadas de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1344>. Acesso em: 15 mai. 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

MEHL, Adam V. **A defesa do liberalismo por Francis Fukuyama: antecedentes, teoria e crítica**. 2013, 83 f. Monografia (Graduação) – Curso de graduação em Ciências Econômicas do Instituto de Economia da Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

- MELLO, Leonel I.A. "John Locke e o individualismo liberal". In: WEFFORT, Francisco C. (Org.) **Os clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 79-90.
- MORGENTHAU, Hans J. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 7. ed. New York: McGraw-Hill, 2005.
- MURGI, Rafael. "Grandes Tradições teóricas em relações internacionais e o processo de apoio estatal à internacionalização de empresas". **Em Debate (UFSC. Online)**, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 123-139, 2013.
- NEXON, Daniel; NEUMANN, Iver. **Harry potter and International Relations**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2006.
- NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- NYE, Joseph J. **O paradoxo do poder americano**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- NYE, Joseph S. **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Gente, 2009.
- OLIVEIRA NETO, Barnabé L. "Pós Colonialismo e Relações Internacionais". **Contribuciones de las Ciencias Sociales**, n. 4, 2017. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/poscolonialismo-relacoes.html>>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- OLIVEIRA, Marcelo F.; GERALDELLO, Camilla S. "A Construção da Paz Perpétua como Teoria Liberal da Política Internacional". **Brazilian Journal of International Relations**, Marília, v. 5, n. 3, p. 696-719, 2016.
- PAIVA, Isadora C. **A escola feminista nas Relações Internacionais: Bases teórico-metodológicas**. 2014, 71, f. Monografia (Graduação) Curso de Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- PINHEIRO, Ruan S. P.; PAIR, Heloisa. "O Desafio da Transparência e as Relações Internacionais: Uma reflexão a partir do caso Wikileaks". **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 13, n. 1, p. 1-21, 2013.
- PIRES, Julia. **Westeros e o Sistema Internacional: A aplicabilidade do realismo ofensivo em A Guerra dos Tronos**. 2015, 77 f. Monografia (Graduação) – Curso de Relações Internacionais, Universidade federal de Santa Maria, Santa Maria, dez.

2015. Disponível em: <http://www.nucleoprisma.org/wp-content/uploads/2016/03/PIRES_2015.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2017.
- POOL, Ithiel S. **Technologies of Freedom**. London: Harvard UP, 1983.
- PRYSTHON, Ângela. “Interseções da Teoria Crítica Contemporânea: Estudos Culturais, Pós-colonialismo e Comunicação”. **Revista Eco-Pós**, v. 7, n. 2, p. 31-44, 2004.
- RIBEIRO, Magda A. T. **Cultura Popular nos processos de ensino: aprendizagem na EJA**. 2009, 29 f. Monografia (Graduação). – Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2009.
- RIBEIRO, Renato J. “Hobbes: o medo e a esperança”. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.) **Os clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 51-78.
- ROCHA, Janicy P.; PAULA, Cláudio P. A. “A jornada do pesquisador: uma metáfora conceitual sobre a construção da trajetória de um líder”. **Prisma**, n. 34, p. 178-205, 2017.
- ROSEMBERG, Fúlvia; ANDRADE, Marcelo P. “Infância na mídia brasileira e ideologia”. In: JACÓ-VILELA, AM.; SATO, L., (Orgs.) **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 285-307.
- RUANE, Abigail E.; JAMES, Patrick. “The International Relations of Middle-earth: learning from The Lord of the Rings”. **International Studies perspectives**, v. 9, p. 377-394, 2008.
- SAID, Edward. **Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World**. London: Routledge, 1981.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- SANTANA, Jessica R.; ANDRADE, Maria C.P. A construção do papel da mulher nas relações internacionais: um olhar feminista sobre a resolução (2000) 1325 do CNSU para mulheres, paz e segurança. In: Anais do III seminário de Relações Internacionais da Faculdade Asces, 2016.
- SCHMIDT, Brian C. “On the History and Historiography of International Relations”. In: CARLSNAES, Walter; RISSE, Thomas; SIMMONS, Beth A. (Eds.). **Handbook of International Relations**. London: Sage, 2002. p. 3 – 22.

- SILVA, Leonardo L. S.; VILAS BOAS, Ana Paula F. R. A Convergência do Fim da História e do choque das Civilizações na Nova Ordem Mundial. In: II Seminário Nacional de Sociologia e Política, UFPR, Curitiba, set. 2010.
- SPIVAK, Gayatri C. "Can the Subaltern Speak?" In: MORRIS, Rosalind (Org.) **Can the Subaltern Speak?** Reflections on the History of an Idea. Nova York: Columbia University Press, 2010. p. 21-78.
- SPIVAK, Gayatri C. "Can the subaltern speak?". In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. (Org.) **Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A reader.** Nova York: Columbia University Press, 1993. p. 63-111.
- STEANS, Jill *et al.* **An Introduction to International Relations Theory: Perspectives and Themes.** 3. ed. London: Pearson Longman, 2010.
- SUN TZU. **A arte da guerra.** Porto Alegre: L&PM, 2007.
- TICKNER J. Ann. "Re-visioning security". In: BOOTH, Ken e SMITH, Steve. (Eds). **International Relations Theory Today.** Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1995.
- TICKNER, Ann. "Gendering a Discipline: Some Feminist Methodological Contributions to International Relations". **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 4, p. 2173-2188, 2005.
- TICKNER, J. Ann. **Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security.** Nova York: Columbia University Press, 1992.
- TOLOSSA, Natalia V. **A política europeia da segurança e defesa e a formação da identidade coletiva: o caso do Reino Unido no governo Tony Blair**, 2004, 125 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- VALENTE, Leonardo. **Política Externa na Era da Informação.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- WALT, Stephen M. "International Relations: One World, Many Theories". In: MINGST, Karen A.; SNYDER, Jack L. **Essential Readings in World Politics.** 2. ed. New York: Norton & Company, 2004. p. 29-46.
- WALTZ, Kenneth N. **Theory of international Politics.** Illinois: Waveland Press, 2010.

WEBER, Cynthia. "The Highs and Lows of Teaching IR Theory: Using Popular Films for Theoretical Critique". **International Studies Perspectives**, v. 2, n.3, p. 281–287, 2001.

WEBER, Cynthia. "The Highs and Lows of Teaching IR Theory: Using Popular Films for Theoretical Critique". **International Studies Perspectives**, v. 2, n.3, p. 281–287, 2001.

WEBER, Cynthia. **International Relations Theory: a critical introduction**. 3. ed. New York: Routledge, 2010.

WENDT, Alexander. "Anarchy is What States Make of it: The social construction of power politics". **International Organization**, v. 46, n. 2, p. 391-425, 1992.

XAVIER, Otávio A. M. "O Conceito de monomito como ferramenta de análise narratológica". **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Patos de Minas, n. 2, p. 112-121, 2009.